



Vaga-Lume

Rosana Bond



A MAGIA DA ÁRVORE LUMINOSA



ea
editorial alina

Rosana Bond

A MAGIA DA ÁRVORE LUMINOSA

Série Vaga-Lume

Editora Ática

ebook:

Digitalização: SCS



Uma missão ecológica

Aquela ilha era o cenário perfeito para um filme de piratas: um paraíso perdido ali pertinho de Florianópolis. E quem disse que a Turma da Bernunça resistiu à tentação?

Mesmo com todas as histórias estranhas que rondavam a Ilha da Luna, os garotos estavam decididos a desbravá-la. Eles nem sonhavam que aquela divertida expedição acabaria envolvendo-os numa missão muito importante.

*Você está disposto a participar
dessa aventura ecológica? Então
prepare-se: desafios de arrepiar
qualquer herói o aguardam. Uma re-
gião cheia de mistérios e lendas con-
vida você a desvendar os segredos de
uma árvore luminosa.*

*

*Um índio descerá de uma estrela color-
ida brilhante*

*De uma estrela que virá numa velocid-
ade estonteante*

*E pousará no coração do hemisfério
sul, na América, num*

claro instante

*Depois de exterminada a última nação
indígena*

*E o espírito dos pássaros das fontes de
água límpida*

*Mais avançado que a mais avançada
das mais avançadas*

das tecnologias

(...)

*Um índio preservado em pleno corpo
físico*

Em todo sólido todo gás e todo líquido

*Em átomos palavras alma cor em
gesto em cheiro*

*em sombra em luz em som
magnífico*

(...)

*E aquilo que nesse momento se rev-
elará aos povos*

*Surpreenderá a todos não por ser
exótico*

*Mas pelo fato de poder ter sempre es-
tado oculto*

quando terá sido o óbvio

Caetano Veloso

Conhecendo Rosana Bond



Rosana Bond se diz uma verdadeira rolling stone, uma pedra rolada que não cria limo. E foi com esse jeito agitado e curioso que, ainda adolescente, começou sua carreira na redação de um jornal em Curitiba, onde aprendeu o ofício com profissionais brilhantes, como o jornalista e escritor Domingos Pellegrini. Seguindo sua natureza de não parar quieta em canto algum, conheceu

quase todo o Brasil e vários países da América Latina.

Como era de esperar, seu sobrenome bastante conhecido gerava brincadeiras entre os colegas: Bond, Rosana Bond. E assim como o famoso agente secreto 007, tinha uma atração especial pelo perigo e pela aventura, preferindo as reportagens investigativas.

A situação das populações indígenas no país, com sua constante luta por direitos, envolveu a autora desde a época em que residiu no Mato Grosso. Isso tudo ficou guardadinho, e agora que deixou o jornalismo e a cidade grande em troca de uma vida sossegada num vilarejo de Florianópolis, Rosana resolveu pôr tudo no papel. O resultado foi uma excitante aventura onde ecologia, reflexão e ação são dosadas na medida certa.

1. Procuram-se os piratas

Aquela primavera estava parecendo verão na Praia das Ostras.

Ainda era novembro, mas o ar estava abafado e úmido, como um vapor grudando na pele.

Naquela tarde, a Praia das Ostras — antigo vilarejo de pescadores da Ilha de Florianópolis — mostrava sua beleza sossegada nas encostas cobertas de verde, nas enseadas calmas, rodeadas de pedras, e nas casas de arquitetura portuguesa.

As pessoas andavam devagar, os cachorros procuravam sombra para se proteger do sol. Parecia que a vida estava sendo

filmada em câmera lenta. De repente, a quietude foi rompida:

— Os piratas sumiram!

O "capitão Paulo", o autor do grito, chegou arfando no "castelo" — um espaço circular de areia, escondido entre uns enormes blocos de pedra, quase à beira do mar.

— Como sumiram?! — perguntaram Janete e Sandra, as duas ladies que estavam à espera do capitão, enquanto ele vasculhava as redondezas em busca dos piratas.

— Desapareceram! — repetiu o menino baixinho e roliço, descansando a espada de madeira na fenda de uma pedra.

— Essa brincadeira já está ficando chata — reclamou Sandra. — Por que o Carlos e o Geraldino não atacam logo, pra gente

assar esse peixe? — disse ela, tirando o véu de lady que cobria os cabelos castanhos, cachados, e limpando o suor que escorria na testa.

Alguma coisa estava errada, muito errada, pensou Janete. Já fazia um tempão que estavam ali, e nada de os piratas avançarem.

O combinado tinha sido outro. Os cinco amigos tinham decidido que iriam brincar de pirata, ficando as donzelas Janete e Sandra no castelo, sob a guarda do capitão Paulo. Após meia hora, mais ou menos, o terrível Carlos Perna-de-Pau e seu cúmplice Geraldino, o Caolho, teriam que atacar. Ao final da cruel batalha, assariam um peixe e depois iriam chupar picolé na Venda do Zilmo.

— Vou procurá-los de novo! — resolveu Janete, levantando-se e esticando as

pernas finas e compridas. Alta, não parecia ter apenas dez anos.

— E eu vou acender o fogo pro peixe!
— decidiu Paulo.

— Não! — protestou Janete. — Se a gente fizer fumaça, vai ser moleza pros piratas nos acharem...

— Também estou com um buraco no estômago... — confessou Sandra, já ajudando o capitão.

Os gravetos secos da fogueira logo soltaram fumaça.

— Estamos perdidos... — suspirou Janete, vencida.

Nem bem a garota tinha terminado a frase, ouviu-se um ruído.

— São eles... — sussurrou Paulo, pegando a espada.



As duas donzelas agacharam-se. Nem respiravam. Os passos vinham chegando, chegando...

No mesmo instante em que Paulo ia atacar, escutou-se uma voz.

— Ei, vocês aí!

As damas gritaram de susto. O valente capitão também. Ao mesmo tempo, olharam para o lado de onde viera a voz:

— Seu Macário!?! —

O rosto do velho simpático abriu-se num sorriso:

— Vi a fumaça e vim... — explicou-se, como que pedindo desculpa. — Achei que algum turista tinha feito piquenique e esquecido o fogo.

Seu Macário tinha mais de setenta anos e era pescador aposentado. Bem-disposto, vivia contando histórias para a criançada da Praia das Ostras.

— O senhor não viu o Carlos e o Geraldino por aí? — Quis saber Paulo.

— A gente estava indo atrás deles... — comentou Janete, tirando uma escama de peixe que tinha ficado presa em seus cabelos loiros e compridos.

— Querem que eu ajude a procurar? — ofereceu-se o velhinho, achando que aquilo fazia parte da brincadeira.

Saíram à procura, indo cada um para um lado. Havia passado quase uma hora quando todos juntaram-se novamente na praia.

— Nada! — disse seu Macário, coçando a cabeça careca.

— Onde será que aqueles dois foram se enfiar? — disse Sandra, pensando alto.

O velhinho, que até então estava se divertindo, começou a ficar alarmado. Faltava pouco para anoitecer.

— Acho que tá na hora da Turma da Bernunça ir pra casa — aconselhou seu Macário aos três, que estavam sentados na areia. — Vou sozinho achar esses meninos...

Paulo ergueu-se num pulo:

— Nada de casa, não, senhor! A Turma da Bernunça não abandona os companheiros! — afirmou, em tom de discurso.

O pescador voltou-se para as garotas.

— Daqui a gente não sai! — decretou Janete.

A Turma da Bernunça era mesmo muito unida — pensou seu Macário. Andavam sempre juntos e também frequentavam a mesma escola, que não ficava longe de suas casas.

O pescador olhou para eles com afeto. Lembrava tão bem aquele Carnaval em que os cinco pequenos saíram fantasiados de Bernunça... Todos metidos debaixo de um pano estampado, com aquela boca grande de madeira "comendo" as outras crianças na

rua... Foi uma boa idéia aquele bloco, pois a Bernunça nunca tinha aparecido no Carnaval, só no Boi-de-Mamão.

Os turistas da Praia das Ostras, quando viam as apresentações folclóricas do Boi-de-Mamão, achavam que a Bernunça era uma mistura de cobra com dragão chinês.

Aquela Bernunça no Carnaval foi um sucesso, isso foi... recordava seu Macário. De lá para cá os cinco ficaram com esse nome: Turma da Bernunça. Era só falar, que todo mundo já sabia...

— Ei! Seu Macário! Tá dormindo com o olho aberto? — indagou Paulo, rindo.

— Há? Não... tava pensando em vocês...

— Em nós?

— Tava pensando, como estão crescendo e ficando malcriados — disse o velho, fingindo estar aborrecido. — Querem saber de uma coisa? Eu vou é chamar...

Naquele instante, Sandra apontou o dedo para alguma coisa atrás de Paulo.

— Não vai precisar chamar ninguém, seu Macário... olha só quem está vindo pra cá com uma cara...

Era Dinorá, mãe de Paulo e Carlos. Ela cumprimentou o velho pescador com um beijo na testa. Em seguida, virou-se para o filho caçula: — Muito bonito! Esqueceu da hora, é, seu Paulo? — zangou-se. — Onde está seu irmão? O menino olhou primeiro para seu Macário.

— O Carlos... bom... o Carlos tá lá... — respondeu, fazendo um gesto vago.

— Paulo, você está mentindo! — ralhou Dinorá. Vendo que não conseguiria enganar a mãe, principalmente porque seu Macário fora testemunha de tudo, o garoto resolveu contar a verdade. Dinorá já estava ficando sobressaltada quando alguém gritou:

— Vejam! São eles!

Carlos e Geraldino vinham remando numa pequena canoa, de calado raso, que os pescadores nativos chamavam de bateira. Dinorá nem esperou que desembarcassem.

— Podem me dizer onde os senhores estavam? — perguntou, colocando as mãos na cintura, naquela pose de açucareiro que as mães fazem quando dão bronca.

Os dois garotos se consultaram com os olhos. Geraldino mexeu sutilmente a cabeça. Carlos decidiu falar:

— Nós... eu... quer dizer... nós fomos pra Ilha da Luna...



— Valha-me Nossa Senhora! —
benzeu-se seu Macário.

— Não acredito! — reagiu Dinorá. —
Vocês tão querendo me dizer que foram sozinhos pra aquele lugar?

— A gente queria contar uma coisa...

— disse Geraldino, desenxabido. Dinorá virou-se para ele:

— O que aconteceu? — perguntou, assustada. — Vocês viram alguma coisa estranha lá na Luna? Viram?

Silêncio.

— Carlos, filho, o que houve? — indagou Dinorá, já em pânico.

— Nada, mãe...

Em seguida completou, meio encabulado:

— Sabe aquela valise térmica que o pai comprou?

— Aquela importada? — indagou Paulo.

— Eu... eu... esqueci ela lá na Luna...

Dinorá soltou o ar num sopro, aliviada:

— Graças a Deus...

— Graças a Deus nada, mãe! O Carlos tá frito! — disse Paulo, dando uma risada sonora.

A turma olhou feio para o caçula.

Dinorá virou o rosto de lado. Ninguém viu, mas ela acabou rindo também.

2. Fantasma não existe... existe?

Dinorá, os dois filhos e o marido, Roberto, moravam no alto de uma colina ainda coberta de mata nativa. A casa tinha um pequeno jardim, adornado com diversos tipos de flores e pés de alfavaca — um tempero muito usado em Florianópolis.

Ao chegar à varanda da casa, Dinorá sentou-se na cadeira de balanço. O susto que acabara de levar, ao saber que Carlos e Geraldino haviam estado na Ilha da Luna, deixara-a com as pernas moles.

Seu Macário, recordou ela, parecia que ia ter um ataque do coração.

— Vão logo tomar banho, seus piratas de meia-tigela... — recomendou aos filhos.

— Mãe, você não vai falar nada pro pai, né? — perguntou Paulo, apreensivo.

Dinorá não respondeu. Só passou a mão na cabeça do caçula.

"Ilha da Luna... como eles tiveram coragem?", pensou.

Enquanto os garotos entravam em casa, a mãe observava a noite envolvendo o oceano lá embaixo.

Normalmente, o mar ali na Praia das Ostras era azul e sereno, só mudava quando vinha o vento sul. As águas ficavam turbulentas e acinzentadas. O vento sul era furioso, cruel. Quando ele começava a soprar, parecia que o resto da natureza ficava com medo.

Dinorá parou de balançar-se na cadeira e voltou a pensar no que fazer. Ilha da Luna... Contava ou não contava para o marido? Sem conseguir chegar a uma resposta, resolveu preparar o jantar. Com aquele calor, uma salada mista iria bem.

Escutou quando o chuveiro foi desligado e começou a fatiar o tomate: "Se eu contar tudo para o Roberto, ele vai ficar preocupado. Mas, se não contar, vai dar pela falta da sacola térmica..." analisava em dúvida. "Esses meninos aprontam cada uma... Ilha da Luna... imagina só!" Nascida ali mesmo na vila, filha de pescador, Dinorá conhecia muito bem as histórias sobre aquela ilha cheia de enigmas.

A Luna ficava em frente à Praia das Ostras, a uns três quilômetros de distância.

O nome da ilha, segundo tinham contado a Dinorá desde que era pequena, fora

dado pelos espanhóis, que invadiram Florianópolis centenas de anos atrás. Os espanhóis teriam notado que, em certas noites, a ilha emanava uma claridade tão forte quanto a da lua cheia. Ninguém sabia se isso era verdade.

"Mas seu Macário" — recordava Dinorá, já colocando a salada na geladeira — "diz que os avós dele costumavam ver sempre aquela luz na ilha. Ele fala que as pessoas deixaram de ver porque deixaram de acreditar... Continuou refletindo e refletindo..."

Quando Roberto chegou do trabalho, Dinorá já tinha tomado sua decisão:

— Preciso lhe contar uma coisa...

Quando ela terminou, o marido encanou os filhos, que tinham sentado para jantar à mesa da cozinha:

— Ilha da Luna! — disse Roberto, ainda sem acreditar.

— Só o Carlos que foi... — começou a defender-se Paulo.

— Vocês endoidaram? — questionou Roberto, nervoso. — Não sabem que aquele lugar não é pra moleque ir sozinho?

— Por quê? É só uma ilhazinha de nada... — disse Paulo, levantando os ombros.

— Filho, é que sempre correu tanta lenda... É um lugar cheio de mistério — explicou a mãe.

— Que mistério? Ouvi o pessoal falar de fantasma, mas isso não existe... existe? — quis saber Carlos.

— Não sei nada sobre fantasmas — cortou Roberto, ainda meio bravo. — Só sei

que o seu Macário vive dizendo que lá tem uns troços perigosos, sei lá. Respeito o conhecimento dos mais velhos e acho bom vocês respeitarem também...

— Não inventem moda de ir lá de novo — ralhou a mãe.

— Mas os adultos sempre vão! — insistiu Paulo, que já tinha visto moradores da vila irem passear na Ilha.

— Vão mesmo — admitiu Dinorá. — Mas ficam só na praia. Tem uma mata fechada que ninguém tem coragem de entrar. Já me contaram que ninguém passa de uma grande figueira, que fica justo onde começa o mato...

Carlos escutava a mãe, mas não estava conformado:

— Mas alguém precisa voltar pra buscar a maleta... Vou com o Geraldino, não vamos entrar na floresta, juro! Deixa, pai? — perguntou, quase implorando.

Roberto e Dinorá se entreolharam. Pensando bem, confiavam no filho mais velho. Aquele garoto magro, de cabelos claros e olhos azuis, apesar das traquinices dos seus doze anos, era muito responsável.

Carlos era tido como o chefe da Turma da Bernunça. A seu modo, "cuidava" dos outros. Além disso, de toda a turma, era ele quem tinha as melhores idéias para tudo.

— Ah, não! Se o Carlos for pra Luna, eu também vou! — reagiu Paulo, armando aquele "bico" que os pais estavam cansados de conhecer.

— Filho, veja bem... — começou a ponderar Dinorá.

Mas Paulo estava resolvido a fazer birra:

— Também vou! E as meninas também!

— Mas vocês são pequenos... — observou Carlos.

— Se forem sem a gente de novo, vamos botar vocês dois na geladeira! — ameaçou o caçula.

— Isso não, perai...

A geladeira era um castigo grave dentro da Bernunça. Uma vez, tinham feito um pacto: não esconder nada uns dos outros e fazer tudo sempre juntos. Se alguém desobedecesse, seria posto na geladeira, isto é, ficaria um mês inteirinho sem poder conversar, e muito menos brincar, com a turma.

— Geladeira não! — repetiu Carlos.

— Sim, senhor! — insistiu Paulo, durão.

— Tá bom, tá bom, agora parem com isso — pediu Roberto, conciliador. — Eu e sua mãe vamos decidir o que fazer.

3. Um verdadeiro caso de loucura

No dia seguinte, sábado, Paulo e Carlos acordaram cedo.

Estava uma bela manhã de sol, mas os garotos, ao contrário do que costumavam fazer nos fins de semana, não desceram correndo para encontrar os amigos da turma.

Na hora de tomar o café, estavam estranhamente calados.

— Muito bem... eu e sua mãe vamos dar uma caminhada pra perder a barriga — anunciou Roberto, sorrindo e colocando a xícara vazia sobre a mesa. — Vocês podem ir brincar com a turma, depois a gente se encontra na praia...

— Não queremos brincar — interrompeu Paulo. — Vamos com vocês — completou Carlos.

Dinorá e Roberto adivinharam o que estava acontecendo. Os garotos queriam uma resposta sobre a Ilha da Luna. Enquanto não decidissem, não deixariam os pais sossegados.

A família desceu a colina com roupas de banho. Eram ainda nove horas da manhã e o clima estava agradável para caminhar.

Geraldino, Janete e Sandra já brincavam na água e acenaram para Carlos e Paulo.



— Esperem um pouquinho... — pediu Carlos, correndo em direção aos amigos. Dinorá e Roberto notaram que o filho gesticulava e apontava a Ilha da Luna.

— Acho que vão armar um complô — sussurrou Roberto, rindo para a mulher.

Logo Carlos retornou, mas não fez nenhum comentário.

A praia, com mais ou menos um quilômetro de extensão, estava quase vazia. Via-se movimento em apenas alguns ranchos de pescadores. Uns levavam os barcos,

outros ajeitavam as redes sobre armações rústicas de bambu.

A família já tinha andado um bom trecho quando viu seu Macário à frente de um rancho, consertando uma rede pequena, chamada de tarrafa.

— Bom dia — gritou o velhinho e fez sinal para que se aproximassem.

— Tá mais tranqüilo agora, seu Macário? — brincou Dinorá, referindo-se ao tremendo susto, no dia anterior, por causa da Ilha da Luna.

— Valha-me! — exclamou seu Macário. — Esses meninos nem sabem do que escaparam... — disse, misterioso.

— Mas é verdade mesmo o que contam? — indagou Roberto.

Seu Macário interrompeu a costura da tarrafa e olhou demoradamente para todos.

— Olha, vou contar uma história pra vocês. Uma história verdadeira, que aconteceu no tempo do meu finado avô...

Carlos e Paulo sentaram-se rapidamente na areia, ao lado do velho.

— Uma vez, um amigo do meu avô, de nome João, resolveu que ia na Ilha da Luna. Apostou que ia entrar na floresta e que não ia acontecer nada! Todo mundo avisou. Mas o João era um bicho teimoso, teimoso feito uma mula... — o velho parou e deu um ponto na rede, com o fio de náilon.

— E aí, seu Macário — perguntaram Paulo e Carlos, ansiosos.

— Pois bem, ele foi! E naquele dia não voltou, nem no outro dia, nem no outro...

— Desapareceu?! — espantou-se Paulo.

— Calma, que chego lá... — continuou o velho. — Pois então, como eu tava falando, ele não voltava, não voltava. Aí a mulher dele, a Maria do Deca, entrou numa aflição que dava pena. Vendo aquilo, uns camaradas pegaram a baleeira de um pescador, de nome Pepeco, e foram pra Luna...

— E acharam ele? — interromperam os dois meninos.

— Pois não há de ver que, quando tavam quase-quase chegando, veio um vento sul daqueles de arrancar árvore pelo toco?? A onda vinha e chuááá dentro da canoa, chuááá em cima dos camaradas... E os coitados, penando pra botar a baleeira de proa, pra fazer a volta. E naquele tempo não tinha nem motor, era remo de voga...

— Conseguiram voltar pra terra? — perguntou Carlos, roendo as unhas.

— Chegaram, mas chegaram moídos... — Seu Macário parou de novo e colocou mais fio na agulha.

— E o tal do João, que houve? — indagou Roberto.

— Pra encurtar a conversa, dizem que um dia o João apareceu...

— Vivo!? — gritou Paulo.

— Vivo! — concordou o velho Macário. — Mas o coitado nunca mais foi a mesma pessoa. Meu avô contava que o sujeito voltou louquinho da Silva. Numa hora tava bom e na mesma hora não tava. Começava a falar que na Ilha tinha o fantasma de um índio que saía de dentro de uma árvore luminosa...

— Índio? Árvore luminosa? Que história, hein, seu Macário? — disse Roberto, pondo o braço sobre o ombro de Dinorá.



— Você tá com cara de quem não tá acreditando... mas meu avô falou que foi tudo verdade. O João vivia repetindo aquilo. Só que tinha esquecido o resto. Falou que o índio não tinha gostado dele e apagou seu pensamento...

Os dois garotos miraram o velho com os olhos estalados.

— Caramba! Que história!

Dinorá virou-se para o marido. Ele estava com algo diferente no olhar. Tinha a expressão de um garotinho sonhando com uma grande aventura.

Seu Macário passou a mão na cabeça de Carlos, espalhando seus cabelos.

— Ouviu bem o que acontece com quem vai lá na Luna?

Em seguida, o pescador levantou-se:

— Tá na hora... — anunciou, recolhendo a tarrafa. — Vou ajudar minha velha no almoço. Depois que ela pegou esse tal de reumatismo não é mais como antigamente...

Após a despedida de seu Macário, Dinorá sugeriu que tomassem um banho de mar.

Mas os filhos estavam mais impacientes do que antes.

— Pai, você vai deixar a gente ir, né?
— cobrou Carlos.

— Hoje não tem mais perigo, pai — afirmou Paulo, convicto. — Garanto que o fantasma ficou velhinho e já bateu as botas...

Roberto deu uma gargalhada. Dinorá também.

Divertiam-se com as artes e artimanhas do caçula. Com oito anos de idade, inteligente como ele só, o baixinho gorducho de olhos escuros e cabelos castanhos como o pai era o rei das tiradas engraçadas.

Carlos e Paulo não quiseram entrar na água. Seus amigos da Bernunça não estavam mais ali. E eles continuavam indóceis.

Os pais deram um bom mergulho e resolveram voltar para casa, pois era quase meio-dia.

A família já tinha percorrido um bom trecho da ladeira que levava à colina quando ouviu um chamado:

— Ei! Seu Roberto!

Olharam para trás e viram Célio, o irmão mais velho de Geraldino, pescador como todo o resto da família. Subia apressado, carregando um volume nos braços. Quando o rapaz aproximou-se, Carlos e Paulo se entreolharam:

— Ah, não...

Nas mãos de Célio estava a valise térmica do pai.

— Vim devolver isso — informou o moço. — O Geraldino falou que tinham esquecido na Luna. De madrugada, tava pescando lá perto, e passei pra pegar...

Dinorá observou o marido. Parecia tão decepcionado quanto os filhos.

Célio começou a falar pelos cotovelos, contando como achara a bolsa, mas Roberto não dizia palavra. Parecia longe.

Súbito, interrompeu o irmão de Geraldino:

— Você emprestaria sua canoa pra gente fazer um passeio?

— Claro!

Roberto consultou a esposa com os olhos e ela, adivinhando o que era, sorriu.

— Estamos pensando em levar a turma na Ilha da Luna e você acha que...

Paulo e Carlos não deixaram o pai terminar:

— Oba!

— Calma, que a gente precisa falar com os pais...

Mas para os dois irmãos aquelas palavras eram o mesmo que um sinal verde.

— Oba!

4. A grande expedição

Os preparativos para a visita à Ilha da Luna — a qual Paulo e Carlos começaram a chamar, pomposamente, de "grande expedição" — iniciaram-se de imediato.

A primeira providência de Roberto foi telefonar convidando Rubão, seu melhor amigo. Rubão era arqueólogo. Conheceram-se no Paraná e, muitos anos antes, tinham vindo juntos tentar a vida em Florianópolis.

Rubão, acostumado com andanças no mato, adorou a idéia. Sugeriu que fizessem o passeio no próximo sábado, dia que ele não dava aulas na universidade.

— Pra nós, tá ótimo! — concordou Roberto.

A segunda providência era pedir autorização dos outros pais da Turma da Bernunça. Essa seria mais demorada, já que Roberto e Dinorá teriam que ir de casa em casa.

Acompanhado pelos filhos, o casal decidiu ir primeiro à residência de Sandra. Ela vivia apenas com a mãe, divorciada.

A mãe de Sandra era jornalista e levava uma vida bem agitada. Por isso mesmo mudara-se com a menina para aquele vilarejo pacato. Queria ter um pouco de tranqüilidade.

Além disso — costumava dizer — fazer Sandra crescer num lugar onde os pequenos amigos servissem quase como irmãos faria

com que a menina não tivesse aquelas manias de filha única.

E isso tinha dado certo. A miúda e morena Sandra, agora com dez anos, não tinha nada de criança mimada. Só tinha um problema: não suportava a escola. Não que não gostasse de aprender. Mas, muito serelepe, não agüentava ficar horas, todos os dias, trancada entre quatro paredes.

Sandra e a mãe receberam a família na sala ampla e arejada.

Roberto logo começou a explicar o motivo da visita. Dinorá notou que, enquanto o marido falava, a jornalista parecia hesitar.

— Não sei, Roberto, falam que aquela ilha é tão perigosa...

Percebendo que a mãe estava prestes a dizer um não, a pequena Sandra reagiu. Pulou para a poltrona onde a jornalista estava e a abraçou:

— Ah, mãe, deixa, né? — implorou, chorosa.

— Tomaremos conta dela — garantiu Dinorá.

— Mas é muita criança pra vocês olharem. São cinco "contra" dois... — disse a jornalista, rindo.

— Vamos três adultos — esclareceu Roberto.

Vendo que a mãe estava amolecendo, Sandra deu a tacada final:

— Se você deixar, prometo não ficar pra exame em Matemática!

A jornalista deu uma gargalhada. Fôra vencida! O próximo passo agora era a casa de Janete.

Encaminharam-se para lá. Não era longe. Em poucos minutos já estavam batendo palmas na cerca de madeira, pintada de branco e enfeitada com uma primavera frondosa.

Janete também vivia só com a mãe, viúva. Era filha tardia. Seus dois irmãos, mais velhos, moravam no centro da cidade.

A mãe de Janete tinha mais de cinquenta anos e contava com a ajuda da menina para todo o serviço da casa. A garota sabia até cozinhar.

Janete não era espevitada como Sandra; seu temperamento era mais calmo, mas ela topava todas as brincadeiras. Quando se tratava de subir nas pitangueiras

ou na hora de escalar as pedras mais altas, Janete, com suas pernas compridas, era a primeira.

— Vão entrando... — convidou sua mãe, simpática.

Sentaram-se todos na agradável varanda da casa e, desta vez, quem falou sobre o passeio foi Dinorá.

Quando informou que seria no sábado, Janete indagou, decepcionada:

— Sábado?

— E olhou para a mãe.

— É que prometi que ia ajudar a limpar todas as vidraças... — murmurou a garota.

— Mas, Janete... — começou Paulo, inconformado.

A menina interrompeu o caçula, decidida:

— Não posso ir! Eu prometi...

Por alguns instantes, todos ficaram calados.

Até que o silêncio foi quebrado pela mãe de Janete:

— Você, às vezes, é tão parecida com seu pai... Quando ele prometia uma coisa... — disse a senhora, dando um sorriso carinhoso para a menina.

Todo mundo na Praia das Ostras já tinha ouvido falar do falecido pai de Janete. Os pescadores contavam que ele tinha aparecido ali num tempo em que o governo andava caçando comunistas. Ninguém sabia direito quem ele era. Mas lembravam que ele sempre falava que as pessoas tinham os

mesmos direitos e não deveriam existir ricos e pobres.

A senhora deu mais um sorriso para a filha:

— O mundo não vai se acabar se a gente não limpar os vidros...

O rosto de Janete iluminou-se:

— Posso ir?

— Claro, filha!

Carlos e Paulo quase aplaudiram de contentamento. A "grande expedição" não seria a mesma sem Janete.

— Agora só falta o Geraldino. Vai ser o mais fácil — disse Carlos, piscando o olho para o irmão.

— Aposto que vai ser o mais difícil — rebateu Paulo, que às vezes gostava de contrariar só por contrariar.

Se tivessem apostado mesmo, Carlos teria ganhado. Os pais do amigo não colocaram nenhum empecilho e Célio, apontando o irmão com o dedo, deu uma notícia que deixou Geraldino de peito estufado de tanto orgulho:

— Vou deixar a canoa por sua conta!

5. Içar velas!

Finalmente chegou o grande dia.

Paulo e Carlos pularam cedo da cama e acordaram os pais, batendo na porta do quarto:

— Tá na hora!

Enquanto os garotos não paravam quietos, Roberto, na cozinha, colocava água gelada, sanduíches, biscoitos e refrigerantes dentro da famosa valise térmica.

Dinorá também estava atarefada: preparava o café da manhã. Quando Roberto fechou o zíper da maleta, ela já tinha servido a mesa.

— O café está pronto! — chamou.

— Não estamos com fome! — gritou Paulo, que estava com o irmão no quintal procurando corda, facão e machadinha.

— Quem não comer não vai! — replicou a mãe, dando uma piscadela divertida para o marido.

Num segundo, os dois garotos entravam correndo na cozinha. Mal tinham começado a se alimentar, quando Carlos perguntou, intrigado: — Pai, diga uma coisa: foi a luz da árvore luminosa que os espanhóis viram naquele tempo? Foi?

— Pode ser, pode ser... — Roberto não sabia o que falar. Não queria desmentir o caso contado por seu Macário, mas também não pretendia estimular muito a fantasia dos garotos. Não queria que ficassem decepcionados quando não encontrassem nada daquilo na Ilha.

Na verdade, o plano de Roberto não era penetrar muito na mata da Luna. Não era supersticioso, mas respeitava as histórias dos antigos. Se eles falam tanto é porque algo deve haver... — ponderava.

De repente, os pensamentos de Roberto foram interrompidos pela pergunta que mais estava temendo:

— Pai, a gente vai ver o fantasma do índio na Luna, não vai? — Era Paulo que indagava, com os olhos brilhantes de expectativa.

O pai deu uma mordida no pão para ganhar tempo.

Naquele instante, escutou-se uma buzina de carro. Roberto fora salvo pelo gongo.

— O Rubão! — anunciou ele, indo rápido para a varanda.

— Puxa! Essa subida é de queimar pneu... — disse Rubão, abraçando Roberto.

Rubão usava óculos, barba, era ruivo, bem cheio de corpo e tinha a pele avermelhada. Calmo, gentil, estava sempre de bom humor.

— Ué, cadê o resto do pessoal? Desertou? — disse ao entrar, animado, na cozinha.

— Estão esperando na praia, o Ger-aldino é que vai levar a gente — anunciou Carlos, orgulhoso pelo fato de o amigo, que tinha sua idade, ter ficado com a grande responsabilidade de transportar os "expedicionários".

— Geraldino? — indagou Rubão, tentando lembrar quem era.

— Ele é da Bernunça — explicou Paulo. — Entende tudo de coisa de mar!

Realmente, Geraldino era um craque em tudo que se relacionasse com o mar.

Era dono da bateira, com a qual pescavam e brincavam de pirata, e era tido como o faz-tudo da Turma da Bernunça. Carlos dava as idéias, mas quem executava melhor era Geraldino. Esperto e prático, inventava ganchos especiais para pegar sirigoiá, criava tarrafas com restos de redes usadas, bolava lâminas para tirar ostras das pedras.

Geraldino tinha o mesmo nome de seu avô, pescador muito respeitado na vila. O velho Geraldino já tinha morrido, mas sua fama continuava. Diziam que ele tinha sido um pescador danado de bom, mas também

danado de mentiroso. Vivia contando histórias de sereias e de tubarões-mangona nas quais ninguém acreditava.

Mas o caso mais conhecido do avô de Geraldino, que o velho gostava mesmo de contar, era que certa vez pegou um navio e foi parar num lugar onde "uns homens usavam saia". Todos riram dele. Naquele tempo, a Praia não tinha escola nem televisão, e ninguém era muito letrado.

Só quando Geraldino faleceu e a parentada foi tratar dos papéis para a pensão da viúva é que se descobriu que o velho tinha estado mesmo na Escócia, num navio da marinha mercante. Caiu a cara de todo mundo. E a reputação do grande lobo-do-mar cresceu.

— O que estamos esperando? — incentivou Rubão, ao ver que Carlos e Paulo já

estavam com as mochilas nas costas. Desceram todos a pé.

Encontraram Janete e Sandra à beira do mar, prontinhas para a grande aventura.

— Cadê o Geraldino? — perguntou Dinorá, olhando para os dois extremos da praia.

— Passamos agorinha na casa dele — informou Janete. — Ele e o Célio tavam mexendo no motor da canoa e disseram pra gente vir na frente.

Dinorá resolveu passar protetor solar em toda a garotada. Então, seu Macário apareceu.

— Bom dia! — saudou o velhinho. E em seguida encarou um a um, com uma expressão zangada e divertida ao mesmo

tempo. — Então vão mesmo pra Luna... Gente mais teimosa...

— Não quer ir também? — provocou Roberto, rindo.

— Eu? Valha-me! — respondeu o velho, fazendo o sinal-da-cruz. A seguir aconselhou: — Olha, Roberto, não voltem muito tarde, o tempo vai virar — disse, examinando o céu.

— O Geraldino! — avisou Paulo, subitamente, apontando o oceano. Todo o grupo voltou-se para o mar. Era realmente o Geraldino, mas algo não estava certo.

Ele não vinha na canoa grande, e sim remando na bateira.

Geraldino desembarcou cabisbaixo, alisando devagar os cabelos escuros.

— Que que houve? — perguntou Carlos, preocupado.

— O motor pifou... — afirmou Geraldino, num fio de voz, limpando uma mancha de graxa no rosto tostado de sol. — Eu e o Célio fizemos de tudo...

Na mesma hora, foi como se uma sombra tivesse baixado sobre o grupo.

— Que azar... — disse Rubão, decepcionado.

— Eu sabia que não ia dar certo... — murmurou seu Macário.

— Vamos pedir emprestada outra canoa, pai? — sugeriu Paulo, que costumava não entregar os pontos facilmente.

— Não dá, filho... — explicou Dinorá, sem disfarçar a tristeza. — Os pescadores

usam os barcos pra trabalhar, assim de supetão ninguém pode emprestar...

— Motor porcaria! — reagiu Sandra, jogando sua mochila na areia. Dinorá ficou com pena da garota:

— Não fique assim, Sandrinha... No outro sábado a gente vai...

— Tá garantido! — reforçou Roberto, querendo animar também seus filhos. Observou os dois garotos. Carlos estava com cara de velório. Mas o pequeno Paulo, não.

Paulo estava com uma expressão esquisita no olhar. Uma expressão muito esquisita...

6. O paraíso de Adão e Eva

Não demorou muito para a Turma da Bernunça descobrir por que Paulo estava com aquele jeito estranho.

Aproveitando que os adultos não estavam prestando atenção, o caçula fez um sinal para que a turma se aproximasse.

Quando todos estavam à sua volta, formando uma rodinha, o gordinho falou, resolutivo:

— Quero reunião!

— Agora? — indagou Geraldino.

— Já! — respondeu Paulo, com firmeza.

A Turma da Bernunça às vezes fazia reuniões. Quando qualquer um dos cinco amigos pedia reunião, os outros atendiam. Iam para a pracinha, que ficava próximo à praia, sentavam debaixo de um pé de jambolão e ficavam conversando. Às vezes resolviam o assunto; às vezes cansavam e desistiam.

— Tá bom! Reunião! — concordou Carlos.

O chefe da Bernunça dirigiu-se até o grupo de adultos, que os aguardava.

— Vamos subir, filho? — convidou Dinorá. — Chame os outros pra almoçar lá em casa, o Rubão também vai ficar...

— É cedo, mãe — disse Carlos. — A gente queria ficar na praia...

— Mas não vão esquecer da hora... — concordou Dinorá.

Tão logo seu Macário pegou o rumo da rua principal, e Roberto, Rubão e Dinorá sumiram na subida da colina, a turma correu para a pracinha.

Paulo nem esperou que todos se acomodassem no banco sob o pé de jambolão:

— Quero ir pra Luna!

— Mas nós vamos, Paulo, não ouviu o pai falando? — observou Carlos, calmo.

— Não quero ficar esperando até sábado! — resmungou o caçula.

— Que que o senhor está querendo dizer com isso, hein, seu Paulo? — indagou

Carlos, já desconfiando das intenções do irmão.

— Tá dizendo que a gente quer ir hoje!
— afirmou Sandra.

Carlos voltou-se para Janete. A garota também fez um sinal afirmativo:

— Agora!

— Mas a gente prometeu que nunca mais... — ponderou Carlos, com aquele seu jeito responsável.

— Você está é com medo do fantasma do índio! — provocou Paulo.

— E você é um bobo! Quer voltar biruta como o João, quer? — rebateu Geraldino, a quem Carlos havia contado o caso de seu Macário.

Mas Paulo, Janete e Sandra bateram o pé.

— Queremos ir e tem que ser já!

Carlos balançou a cabeça, sentindo-se vencido. Consultou Geraldino:

— A bateira agüenta?

— Se o mar continuar assim, mansinho, agüenta...

— Legal! — comemorou Paulo, fazendo micagens para suas aliadas.

— Mas a gente tem que voltar cedo... Seu Macário falou que o tempo vai virar — recordou Geraldino.

— Então vamos logo! — decidiu Carlos. — Mas, antes, tem uma coisa... — Virou-se para o caçula e comandou:

— Suba correndo lá em casa e invente uma história, diga que a gente vai almoçar na Sandra.

— Isso! — aprovou a menina.

— Diga também que, de tarde, a gente vai ficar brincando lá no meu quintal...

— Assim eles não vão ficar procurando a gente... — concordou Geraldino.

Paulo cumpriu velozmente a missão. Em poucos minutos, o baixinho estava de volta.

— Tudo certo! — informou, fazendo o sinal de positivo com o polegar. Dispararam em direção à bateira, que tinha ficado atracada na praia. Antes de embarcarem, o chefe da Turma da Bernunça avisou:

— Não vamos entrar na floresta, escutaram?

Geraldino, Janete e Sandra concordaram. Mas Paulo não quis entregar os pontos:

— Será que não dava pra entrar só um pouquinho?

— Não dava, não senhor!

— Vamos lá só pra brincar na praia. A expedição de verdade a gente faz com o seu Roberto, e ponto final! — decretou Geraldino.

Todos se acomodaram na bateira.

Carlos e Geraldino pegaram os remos. O mar estava liso, fácil de remar. Mesmo assim, parecia que não iam chegar nunca.

Olhavam toda hora para trás, em direção à Praia das Ostras, que agora tinha virado só uma faixa fina de areia, bem longe.

Finalmente, se aproximaram da Luna.

A bateira ia contornando a ilha e ninguém conseguia mais se segurar.

— É o paraíso de Adão e Eva! — dizia Janete, deslumbrada.

— Olha! Tão vendo ali? São araras-azuis? — perguntava Sandra, cutucando os outros.

A embarcação continuava o contorno, passando a poucos metros da ilha.

Da bateira, os amigos conseguiam ver que a Luna era um festival de verde. Os coqueiros se misturavam com as begônias floridas; os cedros e as perobas se

confundiam com as acácias, que abanavam seus ramos em forma de leque. Emaranhados de cipós subiam do chão até a copa do arvoredor alto e de lá pendiam para baixo.

— Olha lá em cima, que lindo! — gritou Janete.

Em cima das árvores era como se tivessem plantado um jardim de orquídeas e bromélias, adornado com barbas-de-velho, que cobriam as copas com seus fios e cachos prateados.

— Quanto passarinho! — apontou Paulo.

Entre os galhos dava para ver papagaios, tucanos, beija-flores agitados e até gralhas-azuis, que estavam desaparecendo em outros lugares do Brasil.

Os cinco amigos desceram numa pequena enseada, com coqueiros e pedras nos dois lados. A areia cintilava.

Janete, Sandra e Paulo estavam comovidos e mudos. Carlos e Geraldino olhavam em volta, orgulhosos, como se a ilha lhes pertencesse:

— Não falamos que era o máximo?

Janete ainda estava de boca aberta com a beleza:



— Parece aquelas ilhas dos piratas, aquelas de mar transparente, que eles enteravam os tesouros...

Paulo, no entanto, não escondeu que seu interesse, naquela hora, estava em outra coisa:

— Onde que começa a floresta proibida?

— Logo ali, tá vendo aquela figueira grandona?

— Ah, Carlos, vamos lá... — pediu o pequeno, choroso.

Geraldino fechou a cara:

— Só até a figueira, nem um passo mais!

Chegaram facilmente na grande árvore, pois até ali o terreno só tinha cobertura rasteira. Só que, a partir da figueira, era como se houvesse um muro de vegetação fechada.

— Nossa! A gente não consegue ver nada... — observou Sandra, impressionada.

— Tão escuro... — concordou Paulo, baixinho.

— Viram como dá medo? — disse Geraldino.

Ficaram em silêncio.

Carlos resolveu animar a turma:

— Vamos tirar ostra?

Geraldino tinha levado as lâminas, feitas por ele com facas velhas. Passaram um tempão entre as pedras, comendo ostras cruas.

— Hummm... Delícia!

— Tem gente que acha que é nojento...

— O pai falou que na França eles adoram — comentou Carlos. — E lá custa o olho da cara...

— Pois aqui a natureza não cobra nada — disse Janete, rindo.

Comeram até cansar. Depois decidiram fazer outra coisa.

— Vamos brincar de esconde-esconde nas pedras? — propôs Janete.

— Mas não pode ficar dando chance pras meninas, viu, seu Carlos? — bronqueou Paulo.

Foi aquela correria, cada um querendo achar o melhor esconderijo. De repente, no meio da brincadeira, Geraldino parou e olhou para o céu. E não gostou nada, nada do que viu. Chamou Carlos e apontou para cima:

— Olha as nuvens, cara! O vento mudou!

7. A Bernunça em apuros

O vento realmente mudara e nuvens de chumbo avançavam para a Ilha da Luna. A chuva se preparava para cair. E não era uma chuvinha qualquer. O que estava se armando era uma tempestade com o temido vento sul.

Carlos e Geraldino, ao observarem o céu, tinham entendido imediatamente o perigo.

O chefe da Turma da Bernunça resolveu agir sem perda de tempo.

— Vamos embora! Rápido! — gritou para os outros, que ainda estavam entretidos no esconde-esconde.

Ao ouvirem o chamado, Paulo e Janete surgiram correndo, vindos de trás das pedras.

— Cadê a Sandra? — interrogou Carlos.

— Não sei... — respondeu Janete.

— Eu vi ela indo pra aquele outro lado ali... — apontou Paulo.

Geraldino disparou para o lugar indicado. Logo voltou, apreensivo:

— Não achei...

— Sandra! Sandra! — gritaram juntos. Nem sinal da menina.

Geraldino começou a ficar assustado:

— Se ela demorar, não vai dar tempo...
A bateira não vai agüentar esse mar com vento sul!

Carlos também estava alarmado:

— Olha a chuva que tá vindo! Bem que seu Macário falou... Em questão de minutos, o dia começou a virar noite.

Pouco antes de a chuvarada desabar, Carlos e Geraldino ainda conseguiram ter calma para raciocinar.

— Vamos puxar a bateira pra terra! Começaram a arrastar a embarcação com dificuldade, chicoteados pelo vento sul e pela chuva.

Naquele momento, Sandra apareceu. Estava com o joelho sangrando. Os amigos correram para ela.

— Escorreguei de uma pedra, vim mancando devagarinho... tá doendo... — disse, esforçando-se para não chorar.

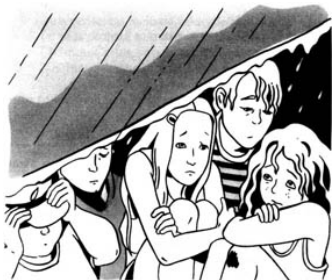
Enquanto Janete amparava a amiga, os outros terminavam de puxar a bateira, encostando-a, inclinada, numa pedra alta, transformando-a num abrigo. Rapidamente, meteram-se ali debaixo.

O pior é que a chuva vinha deitada e logo estavam encharcados. A bateira não estava adiantando nada.

— O pai vai vir buscar a gente, né, Carlos? — perguntou Paulo, amedrontado.

— Ninguém sabe que a gente tá aqui, Paulo... — respondeu Carlos, carinhoso, passando o braço sobre os ombros do caçula.

— Mesmo que soubessem! Que barco ia sair com esse vento...? — lamentou Geraldino.



A tempestade continuou maltratando os cinco amigos. A noite estava chegando e o frio aumentava. Os minutos passavam e a situação só piorava.

— Aqui não dá mais! Vamos achar um lugar mais seco! — decidiu o chefe da Turma da Bernunça.

— Só se a gente entrar na floresta misteriosa... — disse Sandra com um fio de voz.

Aquela sugestão foi como um choque. Todos se entreolharam.

— A Sandra está certa! O único jeito é entrar na mata! — afirmou Geraldino, quebrando o silêncio.

— Lá a gente vai ficar mais protegido... — concordou Janete.

O grupo voltou a se calar.

— Estão com medo? — perguntou Carlos.

Todos disseram que não, mas, na verdade, estavam morrendo de medo, inclusive Carlos e Geraldino.

A situação estava feia para a turma. De um lado, a tempestade. De outro, a mata enfeitiçada.

Vencendo o temor, Carlos saiu de baixo da bateira e tomou a iniciativa:

— Todo mundo de mão dada, ninguém pode se separar dos outros, tá legal?

Aproximaram-se da famosa figueira. Pararam.

— Prontos? — indagou Geraldino, respirando fundo.

Carlos e Geraldino tomaram a frente do grupo.

ENTRARAM NA MATA!

Deram os primeiros passos bem devagar, como se estivessem pisando em ninhos de cobras. Olhavam para os lados, tremendo. A floresta era tão fechada que era difícil caminhar. Além disso, Sandra estava ferida e tinha dor:

— Ai, meu joelho...

Conforme andavam, sentiam que a mata os protegia do vento e da chuva.

Mas as raízes das grandes árvores atrapalhavam a caminhada. As folhagens mais baixas roçavam nos corpos dos amigos, enroscando-se nos seus cabelos e provocando pequenos cortes em rostos, braços e pernas.

Sem saber para onde estavam indo e nem a distância que tinham percorrido, os garotos finalmente avistaram um lugar que lhes pareceu muito bom para descansar. Era uma pequena clareira, em forma de círculo.

O terreno ali era plano e só havia uns arbustos, umas bananeiras e um pé de garapuvu altíssimo.

— Podemos dormir aqui. Se a gente andar mais, vai ficar muito escuro... — observou Carlos.

— Vamos fazer uma tenda com folha de bananeira? — propôs Paulo.

Geraldino olhou surpreso para o caçula:

— Baita idéia!

Em pouco tempo, a cabana estava pronta. Fizeram a armação com galhos amarrados com cipó e cobriram com folhas de bananeira. Logo o grupo ficou aquecido. O problema é que, embora ninguém tocasse no assunto, ainda estavam com medo. Para disfarçar, começaram a cantar, a brincar de descobrir os nomes das capitais dos países. Mas as horas foram passando, eles cansaram de brincar e o medo voltou. Sandra se queixava do joelho. Os outros não

conseguiam dormir. Logo começaram a imaginar coisas.

— Carlos, tô ouvindo barulho de cobra... — sussurrou Paulo.

— Durma...

— Tem alguma coisa se mexendo ali na bananeira — disse Janete.

— Você também, durma...

Acabaram dormindo, finalmente, encolhidos e abraçados. O cansaço vencera o pavor.

8. Um vulto reluzente

A madrugada avançava na Ilha da Luna.

Na clareira, tudo estava calmo e a Turma da Bernunça dormia. Mesmo assim, inexplicavelmente, num certo momento, Carlos acordou. Cutucou Geraldino e falou, baixinho:

— Olha, a tempestade foi embora. Até a lua está aparecendo...

— Lua? Onde? — perguntou Geraldino, tonto de sono.

— Tá vendo aquela claridade batendo no garapuvu? É a lua...

— Legal, né? O garapuvu tá parecendo a árvore luminosa da história do seu Macário...

— Pssst! Quietos! — reclamou Carlos. — Quer que todo mundo fique se pelando de medo?

Não adiantou o cuidado de Carlos. Num instante, os outros três estavam des-
pertos: tinham ouvido a conversa.

— É a árvore luminosa, Carlos? — perguntou Paulo.

— Árvore luminosa nada! Não está vendo que é a lua?

O vento, que agora era suave, balançava levemente as folhagens. Com aquela brisa e o silêncio, os companheiros conseguiram voltar a adormecer. Repentinamente, porém, Sandra despertou.

— Janete, não está ouvindo? — cochichou, intrigada.

— Ouvindo o quê? — perguntou a outra, sonolenta. — Um tambor... preste atenção... tá fazendo tumtum-tum-tum... Carlos acordou. E chamou Geraldino: — Cara, também estou ouvindo um tambor...

— Tá me parecendo motor em marcha lenta — opinou o amigo. — Acho que estão procurando a gente, só que, nessa escuridão, não vamos achar o caminho de volta...

— Barco nada! É tambor! — teimou Paulo, que também tinha despertado. — Durma, não é nada... — disse Carlos.

Carlos acalmara o irmão, mas ele próprio estava confuso. Queria se convencer de que o ruído era mesmo de um motor, mas não tinha mais certeza de nada. Ficou observando a clareira.

DE REPENTE, ELE VIU!

Uma sombra muito alta foi saindo do pé de garapuvu iluminado!



Foi saindo, saindo, e depois foi diminuindo de tamanho até tomar a forma de um homem. O vulto tinha uma luz que contornava o corpo. Era um contorno fino, entre

azul e lilás, mais delicado que a claridade forte da árvore.

Carlos ficou apavorado.

— Ge... Ge... Geraldino!

O outro levantou a cabeça, sonolento.

— O... olha... ali perto da árvore... tem um homem parado ali... — apontou Carlos, desesperado.

Bastou o garoto dizer isso para o resto da turma acordar de vez. Olharam todos na direção da árvore... e ficaram paralisados.

— Tem um homem ali! — gritou Janete, saindo do estado de choque.

— Ele vai matar a gente? — perguntou Paulo, tremendo.

— Fiquem quietos, pelo amor de Deus! — pediu o chefe da Bernunça.

Todos obedeceram e amontoaram-se no interior da barraca. Ficaram assim por alguns instantes, até que viram a sombra do homem dar um passo à frente.

E aí, como se fosse um milagre, todo o medo foi se desfazendo!

O vulto veio caminhando, devagar, e os garotos não sentiam mais aquele pavor. Aos poucos uma grande paz ia tomando conta deles. O que existia agora era uma calma inexplicável.

A sombra parou em frente à tenda.

Só neste momento todos puderam ver que era um índio! Um índio bem velhinho!

Seus cabelos eram brancos e compridos, presos por tiras de cipó que davam voltas na cabeça, passando no meio da testa. Estava descalço e vestia apenas uma espécie de tanga de plumas, que descia até os joelhos.

No peito nu usava dois colares feitos com sementes acinzentadas e marrons. Numa das mãos trazia um cachimbo e um maracá, enfeitado com penas vermelhas e azuis.

Na outra mão tinha um bastão de ritmo, também adornado com penas. A turma nunca tinha visto nada igual, só nos livros de História. Os cinco amigos olhavam deslumbrados para aquele ser iluminado. Então, sem que esperassem, o velho índio sorriu para eles:

— Salve!

Todos sorriram também e responderam:

— Salve!

Paulo, que costumava ser o mais "saidinho", emendou:

— Meu nome é Paulo, e o senhor quem é?

O velho sorriu novamente:

— Logo curumim saber.

Paulo cutucou Carlos e cochichou:

— Que que é curumim?

— Curumim é criança — respondeu Carlos, também murmurando.

— Por que ele fala tão esquisito? — sussurrou Sandra.

O índio escutou.

— Porque nunca conseguir falar português direito — disse, rindo.

— O senhor é índio de verdade? — quis saber Janete.

O velhinho não respondeu diretamente, apenas disse:

— Muito tempo, meu povo viver ilha grande...

— Ilha grande é Florianópolis? — consultou Geraldino.

O velho balançou a cabeça, positivamente:

— Meu povo chamar ilha grande de Jurerê-Mirim, que ser "Boca Pequena de Água".

— Chamavam assim porque tem uma parte de Florianópolis que fica bem perto do continente e o mar fica estreitinho ali. Aprendi na escola... — disse Sandra.

O velho concordou, mas complementou:

— Curumim não dever acreditar tudo que escola dizer de índio...

— Por quê?

— Porque escola de branco não conhecer índio direito.

A turma achou engraçado o velho dizer aquilo.

— Só queria ver a cara do meu professor agora... — riu Carlos.

O velho índio sentou-se no chão. Acendeu o cachimbo de pau e olhou para o

céu. Disse que logo o Grande Pai, o sol, iria aparecer e todos teriam que ir embora para casa, inclusive ele.

— E onde fica sua casa? — indagou Sandra.

O velho apontou o grande pé de garapuvu.

— O senhor mora na árvore? — perguntou Janete, surpresa.

— Morar! — respondeu. — Morar muito tempo...

— E o senhor não vai convidar a gente pra conhecer sua casa... quer dizer, sua árvore? — perguntou Paulo, atrevido.

O velhinho deu uma gargalhada.

— Curumim quer ficar amigo de índio?

— Claro! — afirmou o baixinho.

— Então primeiro curumim ter que prometer. Depois curumim ter que aprender...

— Prometer? Aprender? — interrompeu Sandra. — Não estou entendendo patavina.

O índio mirou o grupo com um olhar doce:

— Primeiro curumim prometer não falar nada de índio velho da ilha.

— Está prometido! — garantiu Carlos.

O velho sorriu, contente.

— Depois curumim ter que aprender muita coisa — explicou. — Curumim voltar Luna quando sol dormir e acordar dez vezes...

— É pra gente voltar daqui a dez dias — interpretou Geraldino.

O velho levantou-se.

— O senhor já vai?

— Vai! Mas antes fazer uma coisa...

Lentamente, o índio caminhou até a árvore luminosa. Colheu folhas de um arbusto, colocou-as na boca e mastigou. Aí voltou, tirou aquele bolinho de folhas da boca, colocou no joelho machucado de Sandra e amarrou-o com uma fibra macia.

— Agora não ter mais dor — disse carinhosamente à menina.

Em seguida, deu um leve aceno para todos e foi se distanciando, bem devagar.

Estava quase chegando à árvore, quando Paulo não conseguiu se segurar:

— Ei, seu índio! — gritou o caçula, para que o outro pudesse ouvi-lo.

O velho voltou-se.

— O senhor é um espíííritoo?

— Perguntar pra amigo gordo do pai, perguntar vida de Abaetê. Amigo saber...

— Abaetê? — repetiu o caçula, ber-rando, para ver se tinha ouvido direito.

— Perguntar de Abaetê — repetiu o velho.

Então, virou-se novamente, deu mais alguns passos e desapareceu dentro da árvore luminosa.

9. Ninguém abre o bico!

Os cinco amigos ficaram olhando boquiabertos para o imenso pé de garapuvu depois que o velho índio sumira dentro dele. Viram a árvore perder a claridade e tudo voltar ao normal, mas ainda não conseguiam acreditar naquilo que tinha acabado de acontecer.

— Será que a gente estava sonhando?
— disse Carlos, esfregando os olhos.

— Sonhando? — falou Sandra, mostrando o curativo de ervas no joelho.

— Ele pediu pra gente falar com o amigo gordo... — lembrou Paulo, pensativo.

— Só pode ser o Rubão — deduziu Carlos.

— O pai disse que ele tem um monte de livros de História...

— Como é mesmo o nome que o índio falou? — indagou Janete.

— Abaetê! — recordou Paulo, rápido.

— A-ba-e-tê! — soletrou Carlos. — Bonito...

Observaram de novo o pé de garapuvu. Ainda estavam meio zonzos com tudo aquilo.

Súbito, o prático Geraldino pareceu despertar para a realidade.

— Vamos embora, pessoal! Os pais da gente devem estar...

Logo que deram os primeiros passos, Carlos preocupou-se:

— Consegue andar, Sandrinha?

— Engraçado, não estou sentindo mais nada... — respondeu a menina, surpresa e contente.

O dia já tinha clareado totalmente e a turma podia ver tudo melhor. A floresta parecia um paraíso perdido.

Caminhando devagar, os garotos notaram que a mata, frondosa, estava povoada de velhas árvores, cheias de parasitas de todas as cores. Os cipós, descendo das copas, formavam arcadas de flores e caramanchões naturais nos barrancos.

Olharam para o solo e repararam que não era possível ver a terra. O chão, coberto de folhas e madeiras apodrecidas, estava

salpicado de cogumelos vermelhos e brilhantes. Não havia nem um pequeno espaço sem vegetação. Tudo eram cedros, figueiras, ingazeiras, loureiros, samambaias, avencas, líquens.

Os garotos acharam lindas algumas raízes de árvores, que pareciam ser brancas, amarelas, vermelhas, cor-de-rosa e roxas porque estavam cobertas por tapetes de flores.

Os tico-ticos, sabiás, beija-flores e gralhas, alegres com a presença do sol, não paravam quietos nos galhos. Borboletas gigantes, azuis e douradas, cortavam o ar, de um lado para outro.

Súbito, os companheiros escutaram o barulho de um barco.

— Estão procurando a gente! Vamos, pessoal! — comandou Carlos.

Apressaram o passo em direção à praia, que era o único ponto da Ilha da Luna onde a canoa poderia aportar.

Chegaram cansados na figueira que marcava o limite da floresta proibida. Carlos encarou bem sério os amigos.

— Olha a promessa, hein, gente? Ninguém abre o bico!

Por sorte, pisaram na praia no exato instante em que o barco se aproximava, trazendo Roberto e o irmão de Geraldino.

— Pai! Pai! Estamos aqui! — gritou Paulo, acenando.

Os dois homens desceram apressados da embarcação. Roberto abraçou forte os dois filhos.

— Vocês estão bem? — perguntou, emocionado. — E esse machucado aí? — indagou a Sandra, preocupado.

— Foi nada, não. Já estou curada... — respondeu ela, dando uma piscada para os amigos.

— Geraldino, seu capeta, a mãe vai lhe matar! — ameaçou Célio. Depois sorriu e abraçou o irmão.

Amarraram a bateira atrás da canoa e, em poucos minutos, zarparam rumo à Praia das Ostras.

Durante a curta viagem, a turma contou aquilo que suas famílias já supunham: tinham ido escondidos brincar na Luna, veio o temporal e eles não puderam retornar.

— E onde é que passaram a noite? — quis saber Célio.

— Na... na... bateira! Ficamos embaixo da bateira! — mentiu Geraldino, olhando para os companheiros.

— Vocês têm idéia da preocupação que nos deram, hein, seus pirralhos? O Rubão nem queria voltar pra casa... Ninguém conseguiu dormir... Fiquem sabendo que, como castigo, está cancelada a excursão na mata misteriosa! — anunciou Roberto, com a cara amarrada.

— Cancelada?! Ah, não, pai... — choramingou Paulo.

Carlos deu um cutucão no caçula e olhou para a turma:

— A gente não quer mais fazer a expedição, não é verdade, pessoal?

O esperto Geraldino percebeu a intenção do amigo e completou:

— Olha, seu Roberto, vocês não precisam mais se preocupar com esse negócio de expedição, viu? A gente ficou com um baita medo, ninguém vai mais pisar de novo naquela ilha...

— Nunca mais... — garantiu Janete, com um ar maroto.

A Bernunça foi recebida na Praia das Ostras com abraços, beijos... e muita bronca. Todos os familiares dos garotos os esperavam na beira do mar.

— Jamais façam isso de novo, estão ouvindo? — ralhou Dinorá, apontando o dedo para os narizes dos filhos.

— Pode dar adeus ao caiaque que você pediu pro Natal, viu? — decretou a mãe de Sandra.

10. O falso prêmio

A travessura da Turma da Bernunça não ia ser esquecida facilmente.

Tão logo subiram com os pais, Carlos e Paulo foram submetidos, em casa, a um autêntico interrogatório.

— Vocês entraram na mata? — indagou Dinorá, enquanto se preparava para esalar alguns peixes.

Os dois garotos, que estavam esfomeados, comiam vorazmente sanduíches com suco, sentados à mesa da cozinha e fingiram não ouvir.

— Entraram? — repetiu a mãe, abrindo a geladeira e pegando três bagres limpos e frescos.

— Não... — respondeu Carlos, mastigando o pão e fingindo indiferença.

— Não viram nada estranho? — perguntou de novo Dinorá, abrindo os peixes pelas costas, com uma faca bem afiada.

— Não... — murmurou Paulo, abaixando a testa e quase enfiando a cabeça dentro do sanduíche.

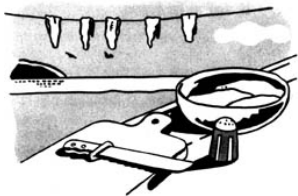
— Não viram ninguém? — insistiu a mãe, pegando o pote de sal grosso no armário.

Roberto, que estava no banheiro procurando algodão e mercúrio para passar nos pequenos cortes sofridos pelos filhos, riu alto:

— Desista, eles perderam a língua...

Dinorá também riu e mandou os garotos tomarem um banho bem caprichado para tirar a lama do corpo.

Em seguida, ela passou bastante sal nos peixes. Agora era só pendurá-los no varal de roupa, por uns três dias, e ficariam com gosto de bacalhau.



Dinorá sempre preparava peixe escalado, que aprendera com sua mãe. Era um costume que foi trazido a Florianópolis pelos imigrantes do Arquipélago dos Açores e ainda era praticado por algumas famílias.

Roberto ofereceu-se para pendurar os peixes no quintal e retornou em seguida, sorrindo:

— Vou ligar pro Rubão avisando que os nossos "anjinhos" estão sãos e salvos...

Carlos, que estava saindo do banho, ao ouvir o pai mencionar o nome de Rubão, disse, excitado:

— Também preciso falar com ele!

Roberto não entendeu nada. E ficou mais surpreso ainda ao escutar o filho mais velho dizendo a Rubão, ao telefone, que a Turma da Bernunça queria muito lhe fazer uma visita.

Quando Carlos terminou, Roberto pegou o fone novamente:

— Rubão, eles não vão incomodar?

— Claro que não, amigo — respondeu o outro, gentil. — No próximo sábado eu mesmo vou buscar a gurizada aí na praia!

*

A semana demorou a passar. A turma não conseguia tirar aquele nome — Abaetê — da cabeça e parecia que o sábado não ia chegar nunca. Enfim chegou!

Rubão apareceu bem cedo no vilarejo. A Turma da Bernunça já o esperava na varanda da casa de Carlos.

Dinorá apareceu na porta, enxugando as mãos no avental:

— Entre e sente um pouco, Rubão, acabei de coar o café...

Paulo fez aquela sua voz choramingada:

— Ah, não, manhê, estamos com pressa...

Rubão riu do jeito do caçula:

— Tudo bem, vamos indo então...

O arqueólogo morava no sul da Ilha de Florianópolis, no lado oposto ao da Praia das Ostras. A paisagem era muito bonita e a turma foi cantando as músicas que tocavam no rádio do automóvel.

Até que, num certo momento, Carlos puxou conversa:

— Rubão, é verdade que você manja tudo de História?

— Dá pro gasto, amigão... — respondeu o gordo, simpático.

— É verdade que tem uma pá de livros? — quis saber Sandra.

— Tenho, faz parte do meu trabalho...

— Legal! — reagiu Paulo, entusiasmado.

Rubão não entendeu a razão de tanto interesse, mas não falou nada. Porém, ao chegarem à casa, sua surpresa foi maior ainda. A turma não quis ir ver o mar, nem jogar vôlei na areia, nem brincar com seus dois cachorros, Boni e Charlô. Só queriam uma coisa: conhecer sua biblioteca!

O arqueólogo, mesmo estranhando, fez o que desejavam. Abriu a porta do escritório e apontou as estantes lotadas de livros.

— Aí está!

Enquanto eles examinavam as prateleiras, o homem ruivo sentou-se numa

poltrona antiga, fitou demoradamente o grupo e suspirou:

— Muito bem, agora vocês vão me contar a verdade! Que é que está acontecendo, hein?

— Nada... — respondeu Janete, disfarçando.

— Como nada? Olha, gente, não nasci ontem... — disse Rubão, sorrindo.

Carlos olhou para Geraldino, confuso, como se estivesse perguntando: "E agora?".

Então Geraldino começou a falar bem pausadamente, escolhendo as palavras:

— Rubão... eu... quer dizer... nós... nós temos um segredo...

Os outros gelaram!

Será que ele iria trair o velho índio?
Será que iria quebrar a promessa?

Geraldino continuou, vacilante:

— A gente... a gente quer... a gente quer ganhar um premio...

"Prêmio? Que doidice é essa que o Geraldino está inventando?", pensou Carlos. E começou a queimar os miolos para ajudar o amigo naquela enrascada. Até que a idéia veio.

— É mesmo, Rubão, é um troço super-legal! — disse Carlos, fingindo animação. — Vai ter um concurso de História, a gente quer ganhar esse prêmio e...

— E onde está o segredo nisso? — interrompeu o arqueólogo, desconfiado.

Carlos pensou mais uns segundos:

— O segredo... bem... o segredo é que a gente quer fazer uma surpresa pros nossos pais...

Geraldino, socorrendo o amigo, completou rapidamente:

— Não queremos que saibam que entramos no concurso... só vão ficar sabendo quando a gente ganhar o prêmio...

Rubão ficou quieto. Quietos e coçando a barba.

Os garotos estavam mudos também, sem saber se o arqueólogo ia engolir aquela história meio duvidosa. Se não engolissem, estariam perdidos. De repente, Rubão riu.

— Vocês são o máximo! — elogiou.

Aí todos os cinco começaram a rir também, aliviados.

Ufa! Essa tinha sido por pouco...

11. Ele era um feiticeiro...

Rubão pediu que os cinco companheiros se sentassem nas almofadas espalhadas sobre o tapete da biblioteca.

— Qual o assunto que vocês escolheram pro concurso?

Desta vez não houve hesitação.

— Vamos escrever sobre os índios de Florianópolis — respondeu Carlos, dando uma piscadela para os outros, sem que Rubão notasse.

— E querem começar já? — consultou o arqueólogo.

— Agora! — aprovou Paulo.

O homem ruivo, então, acomodou-se melhor na poltrona:

— Os índios que viviam em Florianópolis eram da nação guarani. Viviam daquilo que a natureza lhes dava e...

— Como era o nome da tribo deles? — questionou Sandra, interrompendo.

— Chamavam-se cariós. Os brancos, quando chegaram aqui, lhes apelidaram de carijós. Só que esse nome era uma espécie de gozação em cima dos índios porque eles usavam umas penas de cor salpicada, como galinha carijó...

— E o que foi feito dos cariós? — quis saber Janete.

— Bom, antes dos brancos chegarem, os cariós eram milhares. Eram alegres, ingênuos, sem malícia. Um escritor disse que os indígenas de Florianópolis eram "os mais brandos e humanos" do Brasil. Aí aconteceu a tragédia...

— Tragédia? — interrompeu Geraldino.

— Exatamente, amigo. Os portugueses, vendo que os nossos índios eram tão pacíficos, transformaram os coitados em caça...

— Caça? Que nem bicho? — espantou-se Paulo.

— Que nem bicho — repetiu Rubão. — Os brancos foram maldosos e desalmados. Caçaram os cariós para levá-los como escravos para São Paulo. Os outros foram mortos.

Os cinco amigos, em silêncio, miraram Rubão com os olhos estalados.

— Que horrível... — sussurrou Janete.

— Horrível... — repetiu Carlos.

— Essa história é realmente muito triste... — concordou Rubão, chateado.

Ele ia dizer mais alguma coisa quando, subitamente, a porta do escritório se abriu e a empregada colocou a cabeça para dentro:

— Seu Rubão, a comida tá na mesa!

A animação voltou. A hora do almoço já tinha chegado e eles nem tinham percebido.

Sentaram-se à mesa da sala, que tinha um amplo janelão de vidro. Dali dava para ver Boni e Charlô brincando no jardim.

— Depois, que tal dar um passeio com os cachorros? — sugeriu o arqueólogo.

Para sua surpresa, todos rejeitaram a idéia.

— A gente tem mais coisa pra perguntar — explicou Carlos.

— Vocês estão a fim mesmo de faturar esse prêmio, hein?

Depois da sobremesa, sentaram-se na varanda. Rubão ocupou uma cadeira de balanço:

— Muito bem, podem perguntar.

Paulo não deixou nem os companheiros raciocinarem. Foi direto ao alvo:

— Rubão, quem foi um cara chamado Abaetê?

O arqueólogo passou lentamente a mão na barba e arrumou os óculos.

— Abaetê... Abaetê... esse nome não é estranho...

Levantou-se, pediu que esperassem e foi para a biblioteca. Minutos depois escutaram Rubão gritar lá de dentro:

— Achei!

Logo o arqueólogo voltava com um livro antigo nas mãos. Começou a ler em silêncio. A turma não agüentava mais a curiosidade.

— Fala logo, Rubão!

— É uma história muito interessante...
— começou o arqueólogo. — Abaetê é uma figura meio lendária. Dizem que foi um pajé dos cariós, um grande sábio e feiticeiro...

— Existiu de verdade? — interrompeu Geraldino.



— Não se sabe... Dizem que os índios o respeitavam muito e por isso o chamavam de Abaetê, que significava "O Homem Verdadeiro".

— O Homem Verdadeiro... — repetiu Janete, baixinho.

Rubão continuou:

— Bom, em 1605, dois jesuítas visitaram Santa Catarina e nos seus escritos falaram desse personagem fantástico, a quem chamaram O Grande Anjo...

— Fala mais! — implorou Paulo.

— Bem, parece que as histórias impressionaram muito os dois padres porque eles escreveram que O Grande Anjo tinha sido um pajé "de feitiços impressionáveis e sabença real". Falaram que não tinha sido um homem comum, e sim "um feiticeiro graduado e liderante".

— Nossa! — exclamou Sandra. — E ele curava as pessoas? — perguntou, arrepiada, lembrando das ervas que o velho índio colocara em sua ferida.

— Dizem que curava, e curava muito bem...

O arqueólogo viu que os amigos estavam pálidos, como se tivessem acabado de ver um fantasma.

— Ei, o que houve? — estranhou. — Não gostaram da história?

Carlos foi quem se recuperou primeiro:

— Gos... gostamos muito!

Geraldino, como se estivesse voltando de outro mundo, olhou atordoado para o arqueólogo:

— O Abaetê... o que aconteceu com ele?

— Ninguém sabe, amigão. Os índios diziam que ele nunca morreria. Fala-se que quando os brancos chegaram, Abaetê entrou no mar...

— Morreu afogado?! — gritou Paulo.

Rubão deu uma gargalhada:

— Abaetê entrou no mar e desapareceu, sumiu.

— Será que ele foi nadando até a Ilha da Lu...

— PAULO!!! — berraram os outros, interrompendo o menino antes que ele, com aquela sua língua indomável, revelasse o segredo. Por sorte, Rubão não desconfiou de nada.

12. Foi uma miragem?

A Turma da Bernunça e o arqueólogo voltaram para a Praia das Ostras perto das dezenove horas. Ainda estava claro, pois no final de novembro os dias já são bem compridos.

Antes de se despedirem de Rubão, ainda dentro do carro estacionado perto da pracinha, os garotos lhe pediram, mais uma vez, que não comentasse nada sobre o concurso com seus pais.

— Não digo nada, nem que me pendurem num pau-de-arara! — prometeu o arqueólogo, levantando a mão direita, como se estivesse fazendo juramento num tribunal.

Os garotos riram.

Aquele sábado passado junto a Rubão fizera com que passassem a gostar muito do "gorducho vermelhão".

Como a noite demoraria um pouco a chegar, os cinco companheiros não foram imediatamente para suas casas. Estavam loucos para conversar.

— Reunião! — convocou Carlos.

Num minuto, estavam todos sentados na pracinha. Paulo, apressadinho como sempre, foi o primeiro a falar.

— Não disse que ele era um espírito?
— afirmou, todo cheio de si.

— Será que o índio da Luna é mesmo o Abaetê? — matutou Geraldino.

— Claro que é! — garantiu Paulo, convicto.

— Sarou meu joelho... — observou Sandra.

— Ele pediu pra gente voltar quando o sol dormisse e acordasse dez vezes. Então temos que ir na terça-feira, sem falta... — lembrou Geraldino.

— Todos de acordo? — indagou Carlos. Houve uma hesitação geral.

— Tão com medo, é? — provocou Paulo.

— Claro que não, seu bobo! — afirmou Sandra, empinando o nariz.

Mas aquilo não era exatamente verdade. O certo é que os amigos tinham ficado muito impressionados com a história do

poderoso feiticeiro. No fundo, estavam temendo ficar cara a cara com ele outra vez.

— Acho que não vai dar pra ir... — disse Janete, procurando arrumar uma desculpa para não retornarem à Luna. — Como a gente vai fazer pros nossos pais não descobrirem?

— Na terça, depois do almoço, a gente diz que vai brincar na praia, ora! — simplificou Paulo.

— Mas não podemos pegar a bateira aqui, todo mundo vai ver... — analisou Carlos.

Os outros concordaram, movendo levemente a cabeça.

— Já sei! — exclamou Geraldino. — Vamos embarcar na Praia do Toló, aqui pertinho. Aquele lugar é sempre vazio...

— Feito? — perguntou Carlos, consultando os outros.

— Feito!

*

Terça-feira, no horário marcado, todos se encontraram na Praia do Toló.

Era realmente um local solitário. Uma fileira de árvores, arbustos e espinheiros escondiam a faixa de areia, que não tinha mais que cinqüenta metros de comprimento.

Geraldino, em pé dentro da bateira, convidou:

— Então, gente, vamos lá?

Os outros quatro se aproximaram. Já estavam com os pés na água quando Sandra estacou. Olhando pra baixo, começou a gaguejar:

— O... o... olha, pessoal, va... vamos brincar de pirata hoje, tá bem? A... amanhã a gente vai pra Luna e...

— Você não quer ir mais, Sandrinha?
— perguntou o chefe da Bernunça, compreensivo.

— Também estou com medo — confessou Geraldino —, mas acho que temos que ir assim mesmo...

— Nem dormi direito essa noite... — admitiu Carlos. — E eu sonhei com o João...
— confessou também Paulo, que até ali fizera papel de valente.

Vendo que não era a única "covarde" e que todos os seus companheiros estavam se sentindo como ela, Sandra perdeu a insegurança:

— Tudo bem, todo mundo está se pelando, mas temos que ir... A gente prometeu, não prometeu? — disse a menina, firme.

— Além de tudo, ele é um espírito bem bonzinho, né, Carlos? — cochichou Paulo.

O chefe da Bernunça sorriu para o caçula. E olhou para os companheiros:

— Bom, então está resolvido.

— Vamos! — estimulou Janete.

Geraldino, contente, comandou:

— Já pro navio, marujada!

A bateira alcançou fácil a Ilha da Luna. Desta vez não havia vento, nem ameaça de tempestade.

Os amigos desembarcaram na areia fina da ilha, rindo e falando alto:

— Abaetê, aí vamos nós!

Mas a algazarra só durou até chegar em na figueira onde começava a floresta proibida. Ao se depararem, de novo, com aquele "muro" de mata escura, fizeram silêncio.

— Em fila, de mãos dadas! — ordenou Carlos. Entraram bem quietos na floresta. Caminhando com cuidado, foram penetrando no meio da vegetação.



— Vocês têm certeza de que estamos no caminho certo? — perguntou Janete, sussurrando.

— Tenho, a clareira é ali adiante... — respondeu Geraldino.

Efetivamente, logo avistaram a clareira. Antes de chegarem ao lugar, Carlos parou. Fitou cada um dos amigos:

— Se alguém não quiser continuar, não tem problema...

— Eu é que não fico pra trás! — contestou Paulo.

Imediatamente, os outros também disseram que iriam até o fim.

Entraram na clareira pisando macio.

— É fantástico! — exclamou Janete, apontando a tenda que tinham construído naquela noite de tempestade.

Tiveram a impressão de que ali era uma outra dimensão, onde o tempo não provocava os mesmos efeitos que em outros lugares.

— A cabana está inteirinha...

Sentaram-se no chão e olharam para o enorme garapuvu encantado.

Não aconteceu nada.

Os minutos foram passando e não acontecia absolutamente nada!

— Será que ele está dormindo? — indagou Paulo.

— Claro que não, seu bobo — respondeu Janete, segurando a risada.

— Pssst! Fiquem quietos!

Esperaram mais uns minutos, que para eles pareciam horas, e... nada.

— Será que a gente só teve uma miragem naquela noite? — perguntou Geraldino, baixinho.

Ninguém respondeu. Continuaram esperando.

— Melhor ir embora — sugeriu Sandra, desanimada.

— Foi miragem — repetiu Geraldino.

— Não! Esperem — pediu Carlos.

No mesmo instante, aconteceu!

O tambor tocou e a grande árvore se acendeu. Linda como naquela noite!

13. Um trabalho para os curumins

Sentados na clareira, os cinco amigos fitavam, hipnotizados, o belo garapuvu que acabara de se iluminar. Não conseguiam entender como sua luz podia ser tão forte em pleno dia.

De repente, Paulo gritou:

— Olha!

De dentro do garapuvu saía o vulto contornado de luz azul e lilás. Primeiro, enorme. Depois, da altura de um homem.

Era o índio!

Como aconteceu da outra vez, sentiram aquela agradável serenidade, uma imensa e envolvente sensação de paz.

O velho parou bem na frente da turma e deu o mesmo sorriso doce da primeira vez:

— Salve!

Os garotos ficaram emocionados.

— Salve! — responderam, sem tirar os olhos daquela figura mágica.

Paulo, para variar, foi o primeiro a puxar conversa. E também, para variar, foi direto ao assunto:

— O senhor é que é o Abaetê?

O velhinho sorriu satisfeito.

— Curumim falar com gordo...

— O senhor desapareceu no mar e veio parar aqui? — indagou Sandra, sem conter a curiosidade.

— Se Abaetê vir pelo mar... não saber... Abaetê muito velho, já esquecer... — disse o índio, com um jeito maroto.

— Duvido que esqueceu! — soltou Paulo.

O velho índio deu uma gargalhada gostosa.

— O senhor não sabe como veio parar aqui na ilha? — insistiu Sandra.

O velhinho pensou durante alguns instantes. Depois, bem calmamente, começou a falar:

— Abaetê viver alegre com seu povo. Um dia, Abaetê ver sinal de desgraça. Outro

dia, também ver. Espíritos avisar que outro povo chegar e matar meu povo. Abaetê ir pro mato falar com espíritos da Natureza. Natureza vira mulher de cabelo comprido. Mulher chorar, chorar, e dizer Abaetê dever ir embora pra se salvar.

— Esse povo que ia chegar eram os brancos? — indagou Carlos.

— Ser branco... — confirmou o índio. — Mulher da Natureza avisar ter bastante morte. Mulher não poder salvar povo de Abaetê. Ela sair chorando pelo mato. Gritar assim: "Meus filhos, meus filhos, onde poder esconder vocês?".

— E aí o que o senhor fez? — quis saber Geraldino, penalizado.

— Abaetê avisar povo. Quando branco chega, Abaetê mandar povo se esconder. Mas povo gostar de branco... povo bom, não

acreditar ter morte. Natureza mandar Abaetê se salvar.

— E daí então é que o senhor veio pra Luna... — concluiu Sandra.

— Primeiro, Abaetê vir. Depois Natureza trazer outros pajés...

Paulo quase saltou de surpresa:

— O quê?!? Tem outros índios morando nesse mato? Não acedi...

— E por que vivem aqui? — cortou Carlos, igualmente surpreendido.



— Natureza mandar — respondeu o velho, num tom solene.

Em seguida, passou a contar que quando seu povo e outros povos irmãos começaram a desaparecer da Terra a Natureza ficou preocupada:

— Natureza ficar triste... Natureza saber índio sempre cuidar bem do mundo... — disse, baixando a cabeça.

— Não fique triste... — consolou Sandra.

Olhando com doçura para a menina, o velhinho continuou:

— Natureza saber logo aparecer outro poder: poder do dinheiro. Natureza ver que novo mundo ter coisa boa, máquina que pensa, máquina de curar doença, pássaro de ferro que carregar gente. Mas saber ter também coisa ruim. Ter fome, ter guerra, peste...

— Natureza sabida! — comentou Paulo.

O velhinho meneou a cabeça, concordando.

— Natureza ver também que novo grande poderia querer acabar com ela. Isso não certo! — bradou o índio, levantando os dois braços para o céu. — Se Natureza acabar, homem acabar! Se Natureza morrer, homem morrer!

Os cinco amigos sentiram que o assunto era muito sério. Carlos ia dizer alguma coisa, mas Paulo se adiantou, curioso.

— Cadê os outros índios? — perguntou, olhando em volta.

— Estar trabalhando no mundo, depois voltar — respondeu o velhinho. — Abaetê também trabalhar no mundo e voltar.

— Trabalhar no mundo? — estranhou Janete.

— Trabalhar de defender Natureza...

Abaetê explicou, então, que ele e os demais pajés percorriam todas as terras, alertando os homens sobre a destruição do meio ambiente. Afirmou que, a cada dia, um número maior de pessoas estava compreendendo essas mensagens.

— Mas ter bastante homem não ouvir aviso Natureza. Daí Abaetê ter grande serviço toda parte...

— E quando é que o senhor vai viajar de novo? — perguntou Paulo, chateado.

— Ele não "viaja", seu bobo... — disse Geraldino, rindo.

— Viaja, sim! — teimou Paulo.

O velho pajé sorriu e apontou o chão com o dedo, enfático:

— Agora Abaetê ficar!

— Na Luna? — indagou Geraldino.

— Aqui! — confirmou o índio. — Abaetê ficar, ter trabalho grande... — interrompeu a frase e mirou o grupo. — Abaetê precisar curumim pra ajudar trabalho. Curumim quer?

— Claro! — concordaram todos, animados.

— O que é pra fazer? — perguntou Geraldino, levantando-se, como se estivesse disposto a fazer qualquer coisa naquele mesmo instante.

— Hora certa, curumim saber — respondeu Abaetê, tranqüilizando os garotos. A seguir, levantou-se: — Agora ir...

— Não vá, não! — pediu Paulo. — Fique mais um pouquinho, seu Abaetê...

O pajé fitou o caçula com carinho. Depois, voltou-se para Sandra e apontou o joelho da menina.

— Perna ficar boa?

— Tá novinha! — respondeu ela. — O senhor é um baita feiticeiro... quer dizer... um baita médico.

O velho riu, contente.

— Agora Abaetê ir...

O grande pajé voltou a pedir segredo e falou para retornarem à Luna após o sol dormir e acordar dez vezes.

Foi se afastando alegre, chocalhando o maracá e o pau de ritmo. Instantes depois, a árvore se apagou, o som do tambor cessou e tudo voltou ao normal.

— Que horas são? — Carlos perguntou a Paulo, ainda observando extasiado o pé de garapuvu.

— Seis e meia...

— Pomba, vamos logo, gente! —
comandou Geraldino.

Remando na bateira, na volta à Praia das Ostras, os cinco amigos ainda estavam encantados.

— Ele é o Abaetê mesmo, o grande feiticeiro... — dizia Janete.

— O Homem Verdadeiro — lembrava Sandra.

— E é nosso amigo... — dizia Geraldino, vaidoso.

— Tão bonzinho... — comentava Paulo.

— Como pudemos ter medo? — disse Carlos, expondo o que todos estavam sentindo.

14. Os turistas curiosos

Antes que se completassem os dez dias para a nova visita da Turma da Bernunça à Ilha da Luna, o mês de dezembro chegou.

Dezembro sempre trazia uma mudança na rotina dos cinco amigos e também na vida da Praia das Ostras. A Bernunça parava de brincar para se dedicar às últimas provas na escola. E a Praia das Ostras se modificava, com o início da chamada temporada de verão.

Toda a turma estudava no período da manhã. Iam e voltavam juntos, andando a pé pela rua principal da vila.

— Desta vez não vou poder ficar em Matemática, senão minha mãe me mata... — comentou Sandra, caminhando com os companheiros, numa certa manhã.

— Se você ficar pra exame, sua mãe não vai mais deixar você sair de casa. E aí... adeus Ilha da Luna, adeus Abaetê... — alertou Janete.

— Deus me livre!

Entre os cinco amigos, Sandra era a única que corria o risco de ser reprovada. Carlos "patinava" um pouco na Matemática e Geraldino no Português, mas não era nada muito sério.

Janete e Paulo, por sua vez, já estavam tranqüilos com suas notas desde o terceiro bimestre. Mesmo assim, pouco saíam de casa naquele período, pois não viam graça em brincar sozinhos.

Naqueles primeiros dias de dezembro, enquanto a Bernunça saía de circulação, a Praia das Ostras se enchia de gente.

Todo ano era assim. As casas de veraneio, que ficavam fechadas na maior parte do tempo, de repente amanheciam abertas. Surgiam automóveis com turistas e o pacato povoado tornava-se movimentado, lotado de caras novas.

Por isso, num certo dia, ninguém prestou muita atenção naqueles dois senhores elegantes, que chegaram num carrão importado.

Pareciam turistas, como todos os outros. A única diferença é que não vestiam roupas de praia, e sim calças e camisas sociais, estas com as mangas arregaçadas.

Os dois homens entraram no maior restaurante do lugarejo, pediram ostras, cerveja, e puxaram conversa com o garçom.

— Você mora aqui? Conhece bem o lugar? — perguntou um dos homens.

— Conheço...

— Já ouviu falar da Ilha da Luna?

— É uma ilha muito bonita... — informou o moço.

— A quem pertence essa ilha? — perguntou o outro cavalheiro.

— É nossa... — disse o garçom, timidamente.

— "Nossa" quem? — questionou o mesmo homem.

— Nossa, dos moradores aqui da Praia, a gente considera como nossa...

Os dois senhores riram.



— Então não é de ninguém, não é mesmo, rapaz? — pressionou o primeiro homem.

O garçom ficou confuso, não soube o que responder, e foi buscar a cerveja e o petisco que os dois tinham solicitado.

Os dois cavalheiros não ficaram muito tempo ali. Dirigiram-se a outros

restaurantes, bares e vendas da Praia, tomando uma cervejinha aqui, comendo um camarão frito ali.

E como eram curiosos aqueles dois turistas!

Enquanto comiam e bebiam, continuavam fazendo perguntas. Todas a respeito da Ilha da Luna.

Na Venda do Zilmo, o ponto comercial mais antigo e conhecido da Praia, onde o pessoal da pesca costumava tomar seu aperitivo, alguém notou o interesse dos dois homens pela Luna e resolveu alertá-los.

— Ninguém pode entrar naquela ilha — avisou o pescador.

— Por quê? — perguntou um dos cavalheiros, duvidando.

— Lá tem muita magia... — informou o pescador, e passou a contar os fatos misteriosos que já tinham ocorrido no lugar.

Quando o pescador encerrou a narrativa, os dois homens gargalharam.

— Isso não existe, meu senhor! — disse um, vermelho de tanto rir.

— É crendice... uma bobagem! — arrematou o outro.

No final da tarde, depois daquela infinidade de perguntas — os dois turistas curiosos embarcaram no seu luxuoso automóvel e foram embora.

*

A Turma da Bernunça já estava achando que aqueles primeiros dias de dezembro estavam se transformando num

castigo. Não podiam brincar, não conseguiam tirar o velho índio da cabeça e ficavam contando os minutos para retornarem à Luna.

Demorou, demorou, como demorou. Mas, finalmente, chegou a tão esperada ocasião.

— Até que enfim! É amanhã! — comemorou Geraldino, sorrindo de orelha a orelha, ao juntar-se aos amigos, a caminho da escola.

Carlos, porém, não estava com uma expressão muito feliz.

— Estamos com um probleminha... — disse o chefe da Bernunça. — Como é que vamos pra ilha se os nossos pais querem que a gente fique só em casa estudando?

— É fácil! — afirmou Paulo, de supetão.

Todos olharam para o caçula.

— Fácil, fácil! — repetiu, cheio de si. — A gente fala que amanhã de tarde tem aula de recuperação na escola e pronto!

Geraldino riu, satisfeito:

— Mas veja só que esse gordinho até que serve pra alguma coisa! Paulo mostrou a língua para o outro e pediu socorro para o irmão:

— Carlos, olha o Geraldino me enchendo...

— Liga, não, Paulo, ele está com inveja da sua idéia... — brincou o chefe da Bernunça.

Geraldino riu. E Paulo acabou rindo também. Janete, no entanto, ainda estava apreensiva:

— A praia está tão cheia, será que ninguém vai ver a gente?

— Acho que é bem o contrário — opinou Carlos. — Com tantas pessoas zanzando por aí, ninguém vai reparar na nossa bateira.

Mesmo assim, resolveram que embarcariam novamente da Praia do Toló e tomariam muito cuidado. Não queriam correr riscos.

15. Vestígios de uma aldeia

Na tarde seguinte, depois de terem convencido suas famílias que estavam indo para as aulas extras no colégio, os companheiros caminharam rápido para a Praia do Toló.

— Tomara que o Geraldino não demore com a bateira — desejou Paulo, apressando o passo.

Ao se aproximarem da praia, os garotos notaram algo diferente. Um automóvel estava estacionado entre as árvores e diversas vozes masculinas podiam ser ouvidas com nitidez.

Carlos estacou e abriu os braços para barrar os outros, que vinham atrás:

— Parem!

Baixando a voz, aconselhou que se agachassem atrás dos espinheiros e colocou o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio.

— Ninguém pode ver a gente aqui... — sussurrou.

Pelas frestas da vegetação, viram quatro homens.

— Esta praia pode ser a nossa base de carga e descarga — afirmou um deles.

— E quando é que começamos? — perguntou um outro.

— Logo! — respondeu o primeiro, estendendo um rolo de papel sobre o capo do carro. — Vejam a planta.

— E o resto do projeto?

— Não vai demorar, o chefe está com pressa, muita pressa... — frisou o primeiro, rindo. Já estão até finalizando a maquete, sabia?

— E a questão da posse?

— Ah, nisso o chefe vai receber uma mãozinha de uns caras do governo... Quando nossa gente começar a trabalhar, ninguém mais vai discutir a posse...

Bem-humorados, os homens entraram no automóvel. Assim que viu o veículo desaparecer na primeira curva, a turma saiu do esconderijo.

— Esses caras são engenheiros? — perguntou Janete, intrigada.

— Acho que sim... — disse Carlos.

— Não gostei deles, não gostei nenhuma — opinou Paulo, franzindo o nariz.

Naquele instante, Geraldino apontou com sua bateira e todos esqueceram os "engenheiros". Queriam é chegar logo na Luna para rever o pajé.

Desta vez ninguém teve medo ou dúvidas ao entrar na mata proibida, pois eles já encaravam o velho Abaetê como um novo membro da turma. "É nosso amigo fantasma", dizia Paulo, com aquele seu jeito engraçado.

Entraram na floresta e já tinham andado um bom trecho, quando Geraldino parou:

— Acho que se a gente for aqui pela direita vamos chegar mais rápido — sugeriu.

— Tem certeza? — hesitou Sandra.

Carlos, que confiava no senso de direção do amigo, aprovou a idéia:

— Vamos cortar caminho!

Percorreram alguns metros do atalho até que, de repente, Carlos, que ia à frente da fila, soltou um grito, admirado:

— Gente, olha aqui!

Os outros aproximaram-se e então viram o motivo de tanto espanto. Era uma pedra grande e alta, toda coberta por inscrições estranhas!

Na rocha havia desenhos gravados em baixo-relevo. Havia linhas onduladas, como uma imitação das ondas do mar, ziguezagues paralelos, círculos e triângulos.

— Que troços mais esquisitos... — murmurou Janete, passando as pontas dos dedos sobre os sinais misteriosos.

— Parece aquelas coisas dos povos pré-históricos — observou Carlos.

— Aaaiii! — queixou-se Paulo. — Tropecei num...

Todos correram para o lado do caçula e ele abaixou-se para ver em que tinha topado. Era uma cabeça de machado feita de pedra.



— Olhem! Tem também uns cacos de barro! — espantou-se Geraldino, ficando de

cócoras. Eram restos de tigelas e potes de cerâmica.

— Vamos ver se a gente acha mais? — propôs Janete, agachando-se também.

Cada um pegou um punhado de coquinhos de cerâmica.

— Vamos mostrar pro Abaetê? — sugeriu Sandra.

— Então vamos logo — disse Carlos, excitado.

Alcançaram rapidamente a clareira.

Geraldino tinha razão. O trajeto, por aquele lado, tinha sido muito mais curto.

Animados, os garotos sentaram-se na frente da tenda de folhas de bananeira, que continuava igualzinha.

Abaetê não apareceu.

— Acho que vou chamar ele... — resolveu Paulo, impaciente.

— Ele sabe que estamos aqui, seu apressadinho — disse Carlos.

Um momento depois, ouviram o tambor e o pé de garapuvu se acendeu.

— Não falei? Logo Abaetê estava junto deles.

— Salve!

— Salve!

— Curumim não esquecer Abaetê. Curumim cumprir palavra... — elogiou o velho índio.

O pajé sentou-se no chão, acendeu o cachimbo de pau e reparou nos cacos que o grupo tinha nas mãos.

— Ser resto de aldeia de povo de Abaetê — explicou, apontando as diminutas peças de cerâmica.

— Aqui teve uma aldeia? — indagou Geraldino, surpreso.

— Ter — confirmou o pajé. — Mas ter antes de Abaetê nascer. Depois povo mudar pra ilha grande...

— E aquela pedra toda desenhada? — interrompeu Sandra.

— Pedra importante! Pedra sagrada!

A seguir, o índio estendeu a mão enrugada:

— Agora curumim dar pedaço de barro pra Abaetê. Paulo fitou o velhinho, decepcionado:

— Ah, não... a gente não pode guardar nem unzinho de lembrança?

— Não ficar triste, um dia Abaetê dar outro presente pra curumim, presente bem grande. Agora devolver.

O pajé explicou que se eles levassem os cacos de cerâmica alguém poderia descobrir o segredo da ilha.

A turma entregou as pecinhas para Abaetê. Ele olhou saudoso para os objetos:

— Meu povo fazer tanta coisa bonita...

— É mesmo... — concordou Sandra.

— Mas ter gente não gostar nada de índio — comentou o velho.

— Eu gosto! — falou Paulo. — Nos filmes eu sempre torço pros índios. Só que eles sempre perdem...

Todos riram do comentário de Paulo, mas o caçula ficou sério. Pensava em outra coisa:

— Seu Abaetê, o senhor um dia me arruma uma flecha, não arruma?

O velho índio sorriu, mas não respondeu. Apenas mirou os amigos com ternura:

— Prestar atenção: curumim voltar quando sol dormir e acordar quinze vezes.

— Quinze dias? — estranhou Carlos. — Por quê?

Abaetê apontou o dedo para Sandra:

— Curumim ter muito livro pra estudar!

— Mas a gente recebe o resultado das provas no dia 14 de dezembro — argumentou Sandra. — Depois disso estamos livres...

— Mas velho Abaetê ter que descansar porque muito trabalho na Luna depois — disse o índio, com ar misterioso.

— O senhor não vai mesmo contar pra gente que trabalho é esse? — cobrou Geraldino.

— Hora certa, curumim saber — disse apenas o pajé. A seguir, o velhinho despediu-se e foi caminhando para seu garapuvu. Antes de sumir dentro da árvore, voltou-se para os cinco companheiros:

— Quinze vezes, não esquecer!

Os amigos levantaram-se e partiram. Mas Paulo, andando entre a vegetação, continuava inconformado:

— Quinze dias... e não quer dar flecha, não quer dar caquinho, não quer nada... — resmungava.

16. Não lhe interessa, moleque!

No dia 14 de dezembro, a escola da Praia das Ostras estava agitada. As notas estavam sendo divulgadas e, em todas as classes, escutava-se a algazarra dos alunos aprovados.

A Turma da Bernunça combinara de se encontrar no portão do colégio, na saída. Paulo foi o primeiro a chegar. Logo Carlos e Geraldino também se acercavam, com um ar de triunfo.

— Passamos!

— Adivinhem se eu passei... — afirmou o caçula, todo convencido.

Notaram, naquele instante, que Janete e Sandra vinham caminhando pelo pátio. Estavam abraçadas, andavam devagar, e Janete falava algo para a amiga.

— E aí, Sandrinha? — perguntou Carlos assim que as duas garotas alcançaram o portão.

A menina fez um gesto desolado:

— Eu... eu...

— Fala, Sandra! — implorou Geraldino.

— Eu... eu... EU PASSEI! — gritou a garota, deixando de fingir tristeza.

— Enganamos vocês direitinho, né? — riu Janete.

— Enganaram nada... — protestou Paulo.

— E você, Janete? — quis saber Carlos.

— Eu já estou na quinta série! — respondeu a garota, orgulhosa.

No fim das contas, tinha valido a pena terem ficado trancados em casa. No entanto, aqueles dias teriam sido muito chatos se não fosse a certeza de saber que teriam férias e, principalmente, que havia um amigo esperando por eles na Ilha da Luna.

— O dia está chegando! — lembrou Geraldino, animado, enquanto caminhavam, com as cadernetas escolares nas mãos.

— Tomara que ele já tenha descansado e... — começou a dizer Sandra, quando foi interrompida por alguém.

— Ei, pessoal!

Era o irmão de Geraldino, que saíra à porta da Venda do Zilmo, ao vê-los na rua.

— Tudo bem? — perguntou Célio, apontando as cadernetas.

— Superbem! — respondeu Paulo, fazendo o sinal de positivo com o dedo.

Célio aproximou-se da turma, na calçada.

— Parabéns! — cumprimentou. — Já que estão de férias, que tal irem pescar comigo amanhã?

— Legal!

Fazia tempo que os cinco amigos tentavam convencer o rapaz a levá-los numa pescaria. Mas, talvez porque antes eles eram

muito pequenos, Célio sempre inventava um pretexto.

— Não esqueçam de preparar as varas! — aconselhou Célio, sorrindo.

A Bernunça despediu-se do irmão de Geraldino na maior alegria, cada um tomando o rumo de sua casa.

Carlos e Paulo, ao aproximarem-se da subida da colina, viram duas pessoas conversando em frente a um sobrado recém-construído. Gesticulavam muito, pareciam estar discutindo. Logo os garotos identificaram quem eram. Um deles era seu Macário e o outro era um morador novo, dono do sobrado. Os garotos pararam para ouvir a conversa.

O morador novo queria-porque-queria que seu Macário, como membro da Associação de Moradores, autorizasse o corte de

uma grande árvore da pracinha porque estava lhe tirando a vista do mar.



Seu Macário negava, balançando a cabeça. O homem teimava.

Até que o velho pescador foi taxativo:

— Olha, meu senhor — disse seu Macário, firme. — O senhor não é daqui e não tem obrigação de saber. Mas aqui nesta comunidade se tem coisa que a gente respeita é a Natureza e o nosso folclore. Não gostamos que se toque num galho de árvore sem necessidade, quanto mais cortar a

pobrezinha só por estar "atrapalhando" a paisagem!

— Boa, seu Macário! — incentivaram Paulo e Carlos.

O homem ficou quieto, mas olhou com cara feia para os meninos.

Aquilo que o pescador acabara de dizer ao novo morador era pura verdade. A Praia das Ostras cultuava suas tradições e era, principalmente, uma guardiã da ecologia, embora a maioria de seus habitantes talvez nem soubesse o significado dessa palavra.

— Aqui a gente adora árvore, animal e Boi-de-Mamão! — resumiu Paulo, orgulhoso.

— Boi o quê?! — indagou o homem, mal-humorado.

— E um "teatrinho" que a gente faz na rua, cantando e dançando. É a história de um boi que morre e depois ressuscita. Tem um montão de personagens, o cavaleiro, o médico, a Maricota — que é uma boneca bem alta — e a Bernunça, que é um bicho que come criança. Na hora que o boi ressuscita é aquela festa! — contou Carlos.

— Esse folclore foi trazido pelos açorianos... — observou seu Macário.

— E o que o mamão tem a ver com isso? — perguntou o homem.

— É que no começo eles usavam mamão pra fazer a cabeça do boi — explicou Carlos. — Agora a gente faz com papel e goma.

O homem levantou os ombros com desdém e entrou em casa. Seu Macário sorriu:

— Coitado, ele não é má pessoa, mas ainda é novo aqui e...

O pescador parou o que estava dizendo porque um carro importado acabara de estacionar a seu lado e dois homens o chamavam, pela janela.

— Tem algum pescador aqui que aluga barco? — perguntou um dos passageiros do automóvel.

— Pra passeio? — perguntou seu Macário, tentando entender melhor.

— É! — confirmou um dos senhores, seco.

— Pode ser que sim...

Paulo interrompeu seu Macário:

— E vão passear aonde? — quis saber o caçula, curioso.

— Não lhe interessa, moleque! — reagiu o homem, rude, e em seguida dirigiu-se novamente ao velho pescador. — E então, alugam ou não alugam?

Seu Macário passou o braço sobre o ombro de Paulo, sorrindo.

— E vão passear aonde? — perguntou, pronunciando lentamente cada palavra.

— Pra que tanta pergunta? — reclamou um dos senhores, nervoso. — Só precisa dizer se alugam ou não, e basta!

Seu Macário não gostou daqueles modos.

— Não sei — respondeu simplesmente, chateado. Sem dizerem mais nada, o motor foi ligado e o possante automóvel sumiu, em alta velocidade.

17. Um rebuliço na praia

A pescaria da Turma da Bernunça com o irmão de Geraldino foi aguardada com ansiedade.

O dia ainda não tinha clareado quando Roberto despertou os dois filhos, como eles tinham pedido.

— Acordem, pescadores...

— Paulo, tá na hora! — chamou Carlos, puxando o lençol do irmão.

Dinorá serviu o café para os garotos na cozinha.

— A Sandra e a Janete também vão?
— indagou ela, cortando o pão caseiro em fatias.

— Por quê? — estranhou Carlos.

A mãe sorriu:

— No meu tempo, os pescadores aqui da Praia não deixavam mulher nem chegar perto das canoas, diziam que dava azar.

— Azar? — estranhou Paulo.

— O vô, quando era vivo, nunca te levou pra pescar? — duvidou Carlos.

— Meu pai nunca... Ele respeitava muito essas coisas — disse Dinorá, bocejando de sono.

Os garotos despediram-se dos pais na varanda da casa.

— Cuidado com o sol! — alertou Dinorá, acenando.

— Hoje quero comer peixe fresco, hein? — brincou Roberto.

O rancho de Célio estava em pleno movimento quando Paulo e Carlos chegaram, munidos de suas varas de bambu.

Geraldino auxiliava o irmão a colocar redes e bóias dentro do barco, Janete conferia os salva-vidas e Sandra ajeitava um galão com água debaixo de um banco da popa.

— Já podemos empurrar a canoa — sugeriu Geraldino, ao ver Carlos e Paulo se aproximando.

Todos seguraram firme a borda da embarcação.

— Um... dois... três... Já! — comandou Célio.

Num só impulso, o barco chegou à água e, em questão de minutos, já estavam todos acomodados em seus lugares. Partiram.

Célio manjava o leme com perícia. A embarcação cortava o mar com facilidade e uma brisa agradável fazia com que gotas de água salgada respingassem sobre os passageiros.

— Vamos pro norte da baía — avisou Célio, gritando, por causa do barulho do motor.

— Por que tão longe? — berrou Geraldino.

— Porque aqui não tem mais peixe nem camarão. As danadas das redes de malha miúda estão acabando com tudo...

Após uns quarenta minutos de traves-sia, amanheceu. O grupo alcançou a boca de entrada da baía norte. Do lado direito, dava para avistar uma ponta da Ilha de Florianópolis. À esquerda, via-se o continente e a Serra do Mar.

— Vou estender minha rede e vocês pescam com as varas. As iscas estão no isopor — orientou Célio.

— Por que as redes miúdas acabam com tudo? — quis saber Carlos, observando Célio trabalhar.

O pescador pediu que os garotos chegassem mais perto.

— Estão vendo minha rede? — mostrou ele. — Essa aqui é rede graúda, só pega peixe criado. Mas tem muitos caras por aí que usam redes com malha bem pequena. Eles pescam muito mais quantidade que eu, só que, em compensação, matam um monte de filhotes.

— Seu Macário vive falando que a baía está morrendo... — comentou Janete.

— Tá morrendo por um montão de besteira que andam fazendo — concordou Célio. — Não são só as redes miúdas, tem esgoto, lixo...

— Argh! — exclamou Sandra, com uma careta.

— Vão ficar o dia inteiro conversando, é? — provocou Geraldino, apontando as varas.

A partir dali, toda a atenção ficou concentrada na pescaria.

Foi uma manhã bem divertida. E bem proveitosa também, porque conseguiram pegar paratis e corvinas gordas.

— O pai vai adorar! — vibrou Carlos, conferindo seus "troféus" dentro do isopor.

Eram mais ou menos onze horas quando Célio recolheu sua rede, com uns dez quilos de peixe, e ligou o motor.

— Pra terra, marujada! — brincou Geraldino, satisfeito.

Ao desembarcarem em frente ao rancho de Célio perceberam que algo diferente estava acontecendo na Praia das Ostras.

Escutaram buzinas, cometas e um barulho de veículos, como se estivesse havendo uma carreata.

Os garotos saíram em disparada para ver o que ocorria. A rua principal da vila estava um rebuliço.

Uma fileira de caminhões, carros e caminhonetes, enfeitados com bandeiras e faixas, trafegavam lentamente, soando buzinas e cornetas, fazendo um alarido ensurdecedor.

— Olhem aquilo! — gritou Geraldino, apontando as vistosas faixas fixadas nas laterais dos caminhões.

Nelas estava escrito:

HOTEL-FAZENDA ILHA DA LUNA —
LAZER E ECOLOGIA.

— Deus! — reagiu Janete, pálida.

— Não pode ser o que estou pensando... — balbuciou Geraldino.

— Reunião! — gritou Carlos.

Pegaram seus peixes, mal se despediram de Célio e voaram em direção à pracinha.

18. Abaetê declara guerra ao hotel

A Turma da Bernunça acomodou-se rapidamente sob o pé de jambolão e Carlos deu início à reunião:



— Não sei o que está acontecendo, mas "sinto" que temos que falar urgente com o Abaetê.

— Mas ainda não fez quinze dias, será que ele não vai ficar bravo? — hesitou Geraldino.

— Bravo, nada! — afirmou Paulo, que estava louco para ir à Luna.

Carlos pensou um pouco:

— Vamos hoje depois do almoço?

— Se ele se irritar, a gente bota nosso rabinho entre as pernas e volta — opinou Sandra, com uma risadinha.

— Então duas horas na Praia do Toló! — decidiu Carlos.

Na hora do almoço, Dinorá ligou a televisão, como sempre costumava fazer. Enquanto servia a comida aos dois filhos, ela prestava atenção no noticiário do meio-dia.

De repente, Carlos e Paulo ficaram com os garfos parados no ar. A tevê anunciava que a rede de hotéis Vivamar realizara, naquela manhã, o coquetel de lançamento de seu mais novo empreendimento: um bem-equipado hotel-fazenda a ser construído na Ilha da Luna!

Paulo e Carlos deixaram os pratos pela metade e correram para a frente da tevê.

Um elegante cavalheiro, apresentado como diretor da rede Vivamar, anunciava que o projeto, a ser executado pela empreiteira Ricassa, era uma idéia inédita no Sul do País.

— Nosso hotel será uma agradável mistura de spa com hotel-fazenda. Unimos a estrutura de um spa com o aconchego de um hotel-fazenda. E tudo isso numa ilha! — propagandeava o homem, mostrando a maquete da obra.

— Minha nossa! — assustou-se Carlos.
— Quanta coisa na maquete, vão usar a ilha inteira...

— Vão derrubar a floresta misteriosa?
— indagou Paulo, ainda sem entender.

Carlos não conseguiu responder. Estava atordoado. A tevê continuava mostrando cenas do coquetel. Todas as pessoas poderosas estavam ali. Governador, prefeito, deputados, empresários.

— Vão derrubar a floresta? — insistiu Paulo.

— Que absurdo! — reagiu Dinorá.

Carlos deu um pulo do sofá:

— Não vamos deixar!

Antes das duas horas, eles já estavam na Praia do Toló. Toda a turma tinha visto o noticiário na tevê.

Ao chegarem, constataram que os caminhões, ainda enfeitados com as faixas, estavam parados ali perto.

— O que é que esses trambolhos estão fazendo aqui? — disse Janete, irritada.

— Acho que aqui vai ser a tal da base deles — observou Sandra, lembrando a conversa que ouviram dos "engenheiros".

Enquanto Geraldino fazia um pequeno conserto num dos remos da bateira, Paulo, com aquele seu temperamento atrevido, subiu numa das carrocerias para espiar:

— Nossa! Tem uma dúzia de motosserras aqui dentro!

— Desça daí, moleque! — gritou o motorista do caminhão, aproximando-se.

— Quando é que vocês vão levar isso pra ilha? — perguntou Carlos ao homem.

— Ficaram de mandar um barco grande. Estamos esperando...

Naquele momento, Geraldino os chamou, apressado, e eles embarcaram rapidamente.

Estavam tão nervosos que parecia que a bateira não saía do lugar.

— Anda logo, pessoal! — implorava Janete. — Daqui a pouco os caras vão chegar na ilha.

Esbaforidos, com o coração batendo na garganta, entraram correndo na clareira.

— Tomara que o Abaetê não tenha ido viajar... — disse Paulo.

Ninguém conseguiu segurar a gargalhada, apesar de toda a preocupação do momento.

— Você fala cada coisa, Paulo... — disse Sandra, ainda rindo.

— Sua chata!

— Seu bobo!

— Quietos! — pediu Carlos, porque o tambor já começava a tocar e a árvore se iluminava.

Quando Abaetê se aproximou, os garotos nem esperaram que ele desse o seu "Salve!" de costume. Começaram a falar todos juntos, numa confusão de frases:

— Um hotel...

— Vai ser um não-sei-quê misturado com não-sei-quê...

— Tá assim de motosserra...

— Vão acabar com a floresta...

Quando acharam que tinham contado tudo, silenciaram. Olharam ansiosos para o velho índio.

Será que estava zangado por terem vindo antes do prazo?

Mas Abaetê tinha sentado no chão, com seu maracá e seu bastão de ritmo, e, tranqüilamente, acendera seu cachimbo.

Deu uma tragada profunda e sorriu:

— Curumim falar coisa importante. Homem rico quer mesmo cortar mata...

— E o senhor não vai fazer nada? Vai ficar só aí fumando seu cachimbinho? — criticou Paulo, com aquela sua língua solta de sempre.

— Paulo! — repreendeu Carlos. — Isso é jeito de falar?

O pajé sorriu de novo:

— Curumim lembra Abaetê falar trabalho grande na ilha? Lembra falar precisa ajuda curumim?

— Eu lembro! — respondeu Geraldino.

Então todos entenderam qual era o trabalho e qual a ajuda de que o velho índio necessitava.

— O senhor sabia, desde o começo, que a Ilha da Luna estava ameaçada... — deduziu Carlos.

— E o senhor resolveu defender a ilha... — emendou Janete.

— E pra defender sabia que ia precisar da nossa ajuda — disse Sandra, completando a dedução.

— Naquele dia a gente prometeu que ia ajudar. E não vamos pular fora! — garantiu Geraldino, decidido.

— Um por todos e todos por um! — bradou Paulo, levantando-se e empunhando um galho seco, como se fosse uma espada.

A turma caiu na risada.

— Liga não, seu Abaetê. É que ontem o Paulo assistiu *Os três mosqueteiros* pela milésima vez — explicou Carlos ao feiticeiro, que também se divertia.

Geraldino, que era superprático, decidiu partir logo para a ação:

— Que é que temos que fazer?

— Fazer guerra junto. Abaetê cuidar uma parte, curumim cuidar outra. Curumim agora contar tudo para amigo gordo...

— Tudinho? — interrompeu Paulo.

— Curumim trazer amigo gordo pra conhecer ilha.

— A gente pode mostrar até a clareira?
— indagou Sandra.

— Tudo mostrar! Árvore luminosa, floresta, pedra sagrada, resto de aldeia...

— Mas a construção do hotel... — preocupou-se Carlos.

— Ficar calmo... — pediu o velho índio. — Ficar calmo... Homem rico ter dinheiro, mas ter coração pequeno...

Abaetê, então, disse que o mundo moderno tem muita ciência, muita tecnologia, mas que só isso não traz felicidade.

— Pra mundo ser feliz, homem ter que fazer crescer coração! Se coração grande, amor grande. Daí homem ama terra, homem ama céu, homem ama homem! — exclamou, fazendo um gesto amplo.

— Esse negócio de coração grande lembra aquele vídeo que a gente viu junto, né, Carlos? — recordou Janete.

— O filme do E.T.? — perguntou Geraldino.

E todos recordaram aquela cena, quando se descobriu que o corpo do bondoso

extraterrestre, que vinha de uma civilização mais evoluída que a da Terra, era formado por um imenso coração.

O velho fitou os garotos com meiguice:

— Curumim entender palavra de Abaetê...

Dizendo isso, o pajé levantou-se. Antes de entrar na árvore luminosa, olhou para o céu e recomendou que voltassem logo para casa:

— Vento forte vai vir!

19. Acredita agora?

VENTO FORTE VAI VIR!

A previsão do velho Abaetê se cumpriu. E como!

Nem bem os garotos tinham desembarcado na Praia das Ostras, naquela tarde, após a conversa com o poderoso pajé, veio uma furiosa tempestade com vento sul. E aquilo parecia o dilúvio porque não parou mais. Um dia, dois dias, três, seis, onze. Onze dias de vento e chuva!

A Turma da Bernunça queria falar com o "amigo gordo", ou seja, Rubão, mas não conseguiu. Os telefones estavam com defeito, talvez por causa do temporal.

A Associação dos Moradores, embora preocupada com a questão do hotel, acabou deixando o assunto de lado, pois a enchente provocava problemas mais urgentes a resolver.

Naqueles onze dias o vento não deu trégua. O barco da empreiteira não pôde navegar. A firma deixou um homem sempre de guarda, na Praia do Toló, mas, não se sabe como, os materiais de construção começaram a sumir dos caminhões. Pregos, parafusos, tábuas e até motosserras. Os cinco amigos acharam até graça quando souberam daquilo. Mas não ficaram tranquilos: precisavam falar com o Rubão.

Era uma sexta-feira quando o tempo limpou. Estavam em meados de janeiro, no auge da temporada, e os turistas e moradores nem acreditaram que podiam divertir-se na praia novamente.

Roberto chegou em casa animado, anunciando que no dia seguinte Rubão viria visitá-los.

— Disse que vai trazer uma corvina pra assar.

Carlos e Paulo se olharam.

— O Rubão vem mesmo? — indagou Carlos, como se não estivesse acreditando. Era muita coincidência...

— Vem, sim. E vai trazer o Boni e o Charlô.

O dia amanheceu lindo. Rubão chegou com o peixe e os cachorros e foi aquela festa. Lá pelo meio da tarde, Carlos cochichou no ouvido do arqueólogo:

— Vamos lá em baixo. A gente precisa muito falar com você.

O gorducho inventou uma desculpa para Roberto e Dinorá e acompanhou os garotos. Pararam debaixo do pé de jambolão. Logo Janete, Sandra e Geraldino se juntaram a eles.

— Vocês são cheios de segredos, né? — brincou o arqueólogo. — Muito bem, imagino que querem conversar sobre aquele famoso concurso...

— Desculpe, Rubão, mas não teve nenhum concurso — interrompeu Geraldino.

— Não? Mas então... — Rubão fitou a turma, confuso. E dali para a frente foi ficando cada vez mais surpreso porque passaram a lhe contar toda a história.

Não deixaram escapar nenhum detalhe.

Quando terminaram, Rubão ficou quieto. Passou lentamente a mão na barba, ajeitou os óculos e suspirou:

— Vamos ver se entendi direito. Vocês são amigos do espírito de Abaetê, que mora numa árvore luminosa na Ilha da Luna, certo?

— Certo! — responderam.

— A ilha está ameaçada pela construção de um hotel, certo?

— Certo!

— Vocês prometeram que vão defender a ilha e Abaetê pediu que me levassem até lá, certo?

— Certo!

— Errado! — disse o arqueólogo, olhando sério para os cinco companheiros. —

Olha, não sei de onde vocês tiraram essa história, mas isso não tem cabimento. Nunca ouvi falar de achados arqueológicos nessa Ilha da Luna. E isso de vocês terem visto um fantasma...

— Mas é verdade! — garantiu Janete.

— É o espírito do Abaetê — insistiu Sandra. — Aquele que você contou!

— E tem mesmo uma pedra com desenhos — reforçou Geraldino.

— Sagrada ainda por cima! — completou Paulo.

Rubão balançava a cabeça, incrédulo.

— Não, não, isso não é...

— Posso provar! — afirmou Paulo.

Todos olharam para o caçula, sem entender.

— Já volto! — avisou ele. E saiu correndo em direção à colina. Com uma rapidez nunca vista, o menino retornou. Com a mão fechada e o braço estendido, parou em frente de Rubão.

— Olha isso aqui...

Abriu os dedos e todos se espantaram. Era um caquinho de cerâmica da Luna!

— Paulo! — gritaram os garotos.

— Estava bem guardadinho, nunca ninguém ia descobrir... — desculpou-se o caçula.

— Dá vontade de colocar você na geladeira — ameaçou Geraldino.

— O Abaetê pediu... — ia começar a ralar Carlos, quando foi cortado por Rubão.

— Isso aqui é autêntico, gente!

— Acredita agora? — perguntou Paulo, desafiador.

O arqueólogo coçou a barba mais uma vez. Tirou os óculos, voltou a colocá-los, e então, finalmente, sorriu.

— Certo! Vou com vocês!

A turma vibrou!

Paulo tentou fazer de novo aquela cena do "um por todos, todos por um", mas não deu certo porque não encontrou nada que servisse de espada. Rubão prometeu que voltaria no dia seguinte.

— E se o pai e a mãe invocarem de ir junto? — questionou Carlos.

— Não se preocupe. Se eles quiserem ir, a gente dá alguma desculpa — tranquilizou Rubão, entrando no clima travesso da Bernunça.

No outro dia, na hora marcada, Rubão estava lá. Nem foi preciso inventar nenhum pretexto porque Roberto e Dinorá já tinham combinado de curtir o domingo cuidando do jardim.

Usando o barco a motor que Geraldino conseguira empresar do irmão, o grupo chegou rápido na ilha. Ao alcançarem a figueira, pararam.

— Aqui começa a floresta proibida, Rubão — indicou Carlos.

— A gente morreu de medo quando entrou aí a primeira vez — recordou Janete.

— Vocês são corajosos, essa mata é bem fechada — observou o arqueólogo.

Nem bem davam os primeiros passos, e Rubão já começava a ficar deslumbrado. Caminhava devagar, verificando cada minúcia daquele paraíso verde.

— Que maravilha, gente! Um pedaço intocado da Mata Atlântica é uma coisa rara, raríssima!

— Como assim? — indagou Sandra.

O arqueólogo explicou, então, que a Mata Atlântica foi devastada, no decorrer dos anos, e que sobraram apenas algumas poucas áreas no país. Essas zonas estavam agora sendo defendidas com unhas e dentes por entidades ecológicas, esclareceu. — Por isso é que estou dizendo que é uma raridade!

A seguir, o grupo resolveu mostrar a clareira.

— Aquela ali é a árvore luminosa! — apontou Janete.

— O Abaetê mora ali dentro, mas de vez em quando ele viaja, sabe? — informou Paulo.

A turma riu.

— Não sei por que vocês ficam rindo — reclamou o caçula.

— É verdade, Rubão! O Abaetê viaja o mundo inteiro pra defender a Natureza e depois volta. Ele e os outros pajés têm um avião invisível e...

Os amigos caíram de novo na gargalhada.

— Avião invisível?! De onde você tirou essa? — perguntou Geraldino, ainda rindo.

— Claro que eles têm um avião! E como é que o senhor Geraldino, o grande sabidão, acha que os espíritos viajam? Hein? Hein?

Nova gargalhada.

Rubão estava se divertindo com aquilo, mas decidiu apressar os garotos:

— Vamos continuar?

— A gente não vai esperar o Abaetê? — perguntou Sandra.

— Outro dia vocês falam com ele — sugeriu Rubão, que já tinha resolvido não discutir essa questão do espírito do índio com a turma.

— Agora vamos levar você num lugar superlegal — anunciou Geraldino, referindo-se à área onde ficava a pedra gravada e os restos da aldeia.

— Não pode pegar nenhum caquinho... — disse Paulo, corando de vergonha ao se lembrar do que ele mesmo tinha feito.

Logo chegaram e Rubão não acreditou:

— Deus! Isso aqui é um tesouro arqueológico! Agachou-se e observou atentamente os restos de cerâmica e os outros vestígios da aldeia indígena. Maravilhado, levantou-se com alguns cacos na mão e mostrou:

— Isso aqui é cerâmica típica dos guaranis. Decoração geométrica, desenhos em vermelho, contorno preto... — Vamos

tomar cuidado para não pisar em nada — pediu.

Seu interesse, então, voltou-se para a grande pedra gravada.



Retirou parte do emaranhado de parasitas que cobria a pedra, observou os entalhes e berrou para os garotos que tinham ficado um pouco afastados:

— Isso aqui é fantástico!

Veio para perto do grupo:

— Essa pedra é um achado!

— Por quê? — quis saber Carlos.

— Porque essas inscrições rupestres, encontradas em Florianópolis, ainda representam um certo mistério... — explicou Rubão.

Disse que havia teorias de todos os tipos sobre elas:

— Há até gente que sustenta que essas inscrições foram feitas pelos vikings.

— Vikings?! Aqueles caras loiros de capacete com chifre? — perguntou Paulo, entusiasmado.

Rubão sorriu:

— Aqueles caras! Só que tudo indica que esses petróglifos são mesmo de origem

tupi-guarani. Símbolos com significado mágico, religioso...

Rubão explicou que aquela pedra da Luna poderia ajudar muito nas pesquisas sobre o assunto:

— Ela está intacta, preservada! As outras foram comidas pelo tempo, ou então estragadas por gente ignorante...

As horas tinham passado velozmente e o arqueólogo resolveu que já era tempo de voltarem. Mas sua vontade era ficar ali.

— Vocês descobriram uma preciosidade, sabiam?

20. Acidentes acontecem, ora...

Na viagem de volta à Praia das Ostras, Rubão não disse uma palavra. Ficou quietão no seu canto, matutando.

Ao entrarem todos na casa de Carlos, o arqueólogo já estava com um plano na cabeça. Avisou aos garotos que contaria tudo a Dinorá e Roberto. A turma reclamou, mas, no fim, decidiu que tinha que confiar em Rubão. Então ele explicou tintim por tintim.

— Esse hotel não pode ser construído de jeito nenhum — concluiu ele. — A Luna tem que ser tombada imediatamente!

— Tombada? — assustou-se Paulo. — Não vou deixar tombar coisa nenhuma!

— Não é nada disso, Paulo. "Tombar" é conservar, seu bobo! — falou Carlos, rindo.

— Sei muito bem o que é tombar, viu? — reagiu o caçula. — Tombou, caiu! Pimba! — teimou ele, fazendo o gesto de algo sendo derrubado no chão.

— Nada disso...

— Ei, vocês dois! Vamos deixar o Rubão falar? — pediu Roberto.

— Olha, acho que a gente tem que conversar com várias pessoas — sugeriu o arqueólogo.

— Vamos criar um movimento pra defender a Luna! — propôs Carlos, animado.

— Eles que façam o tal do hotel em outro lugar — disse Dinorá.

Roberto, Dinorá e a Bernunça ficaram encarregados de conversar com os moradores e a Associação da Praia das Ostras. Rubão assumiu a responsabilidade de falar com a imprensa e com os grupos ecológicos.

— Apesar de estarmos em férias, vou telefonar também para meus colegas da universidade — informou ele.

Todos foram tão eficientes que em vinte e quatro horas a coisa estourou. Não se falava de outro assunto na cidade. Na imprensa, o governo jogava a batata quente para cima da prefeitura; esta jogava para cima dos deputados; estes para cima dos vereadores e assim por diante.

Foi então que os diretores da Vivamar e da Ricassa deram uma entrevista à televisão. Afirmaram que pessoas contrárias ao progresso estavam fazendo tempestade em

copo d'água e asseguraram que o hotel não causaria danos à Ilha da Luna.

— Nosso projeto é altamente ecológico, tudo será preservado! — afirmou o chefe da Vivamar.

Não explicou como a preservação seria feita, mas garantiu que o hotel só traria vantagens:

— Além de tudo, ainda vamos impulsionar o desenvolvimento econômico da Praia das Ostras. Como o local ganhará um trapiche para embarque e desembarque dos hóspedes, o comércio da região será beneficiado com o maior movimento de turistas; abriremos empregos para os habitantes locais, que trabalharão tanto na construção quanto no próprio funcionamento do hotel — propagandeou.

Aquela entrevista teve o efeito de um balde de água fria. A imprensa acreditou que tudo estava certo e, nos dias seguintes, parou de falar no assunto.

A comunidade da Praia das Ostras, que antes parecia estar unida em defesa da Luna, acabou dividindo-se. Muitos queriam receber os benefícios prometidos pela Vivamar.

Foi aí que começaram a acontecer coisas estranhas. Muito estranhas mesmo. O barco da empreiteira, que ia transportando a primeira remessa de material para a Luna, afundou. Os dois tripulantes foram salvos por uma escuna de turistas, mas toda a carga submergiu.

— Afundou mesmo? — perguntou Paulo a seu Macário, que tinha visto o acidente de longe.

— Foi, meu filho — respondeu o velho.

— Até agora não entendi como aconteceu, não tinha nem vento...

Geraldino, ao escutar aquilo, cutucou Carlos e disse baixinho, piscando o olho:

— Parece que tem "alguém" que já está dando sua ajuda...

Ao mesmo tempo que resgatava a embarcação afundada, a Ricassa contratou outro barco. Mas esse também não teve sorte. O motor pifou. Os operários contratados entre a população da Praia das Ostras, por sua vez, sofreram uma crise brava de disenteria que derrubou todos eles na cama, por vários dias.

— Deve ser aquela comida de marmite que a empresa está dando — opinou Dinorá.

Mas a Turma da Bernunça estava convencida de que o problema não fora causado pela comida. Era "ele", o seu amigo da Luna, que estava agindo.

Enquanto tudo isso acontecia, Rubão, a turma e seus parentes continuavam lutando pela preservação da ilha.

Chegara o mês de fevereiro e Rubão continuava consultando advogados e fazendo um projeto de tombamento com o pessoal da universidade. Carlos e seus companheiros visitavam outras crianças, pedindo apoio.

Um dia, porém, chegou a notícia que eles mais temiam.

— A carga já está sendo desembarcada na Luna! — informou seu Macário, que subira até a colina para contar a novidade.

— Eu tava agorinha lá na Venda do Zilmo e chegou um rapaz contando. Falou que vão desmatar primeiro onde tem uma clareira...

— Clareira?! — assustou-se Carlos. — E onde tem um pé de garapuvu bem alto?

— Parece que é — concordou o velho. Mandaram abrir um quadrado bem grande naquele pedaço para começar a construir o hotel.

— De jeito nenhum! — explodiu Paulo. — Vamos pra lá, agora, Carlos!

— Calma, filho, vamos pensar numa solução — disse Roberto.

— Vocês não podem mais entrar na ilha. Botaram uns seguranças armados — avisou seu Macário.

— Vamos falar já com o Rubão! — resolveu Carlos, tirando o telefone do gancho.

Rubão era um craque na hora de criar uma agitação.

— Vou avisar a imprensa e amanhã vamos fazer um ato de protesto na Luna!

Na manhã seguinte, a Praia das Ostras virou um pandemônio. Apareceu um monte de canoas e até gente de outras praias. A imprensa também estava lá. Havia emissoras de televisão, rádio, jornal...

Quando Carlos e seus companheiros aportaram na ilha, a bordo do primeiro barco, cruzaram com vários trabalhadores que vinham caminhando em sentido contrário. Traziam suas mochilas e sacolas.

— Aqui não fico mais! Cruz-credo! — dizia um dos trabalhadores.

— Essa ilha tem parte com o demo! — afirmava outro.

Carlos perguntou o que estava ocorrendo.

— Olha, filho, você precisava ver o que aconteceu de ontem para hoje — contou um dos operários. — Só deu desgraça! Sumiu um monte de material e esses animais aí da segurança ficaram dizendo que foi a gente que roubou. Depois, quando começamos a fazer esse galpão dos peões, nem lhe conto... Um macetou o dedo, outro torceu o pé, outro despencou e quase arrombou a cabeça. Eu é que não fico mais aqui, não senhor! — afirmou o pobre homem, fazendo o sinal-da-cruz. A turma de Carlos teve que se segurar para não rir.

Em poucos minutos, a Luna estava cheia de gente. Os seguranças tentaram impedir a entrada dos manifestantes, mas

foram contidos pelo diretor da Vivamar, que também chegava naquele instante:

— Deixem que passem, meus filhos, não temos nada pra esconder — afirmou, tentando parecer simpático e dando um sorriso para uma câmera de televisão.

Enquanto os manifestantes "abraçavam" simbolicamente a clareira e o pé de garapuvu, dando-se as mãos, o diretor dava nova entrevista:

— Volto a dizer que estão fazendo tempestade em copo d'água. Senhores, acreditem, tudo isso é um exagero. Vamos cortar umas poucas árvores e só. E essa vegetação será recolocada mais tarde, ninguém precisa se preocupar.

Um repórter lembrou ao diretor que aquele ato não se referia apenas ao

desmatamento, mas também ao corte de uma determinada árvore.

— Ah, sim, você está falando daquele pé de garapuvu... Olha, nossa empresa respeita muito as crenças populares. Para provar isso, vou dar uma ótima notícia a todos: a Vivamar decidiu mudar a planta do prédio! O garapuvu não será mais derrubado! — o diretor silenciou para medir o impacto de suas palavras.

— Muito bem! — gritou um segurança, tentando puxar aplausos.

— Já ganhou! — gritou outro.

— Cala a boca, panaca! Isso aqui não é eleição — disse outro segurança, deixando o anterior com cara de tacho.

A imprensa, depois daquela promessa bombástica, achou que não tinha mais nada

a fazer ali. Após mais algumas tomadas para a tevê e algumas fotos, os jornalistas foram embora.

O protesto durou uma hora, mais ou menos. A seguir, o pessoal começou a debandar.



Carlos e Geraldino procuravam Paulo, que havia sumido, quando ouviram algo que os deixou gelados. Ao lado do galpão de madeira recém-construído, o diretor da Vivamar falava baixinho com o mestre-de-obras:

— Na hora que esses verdolengos forem embora você dá um jeito no pé de garapuvu! — ordenou.

— Mas, doutor, o senhor disse que não ia derrubar...

— Deixa de ser besta, homem! Acha que vou mudar o projeto só por causa de uma bobagem dessa?

— Mas se a gente derrubar eles vão acabar descobrindo...

— Você não vai cortar. A árvore vai sofrer um "acidente", entendeu?

— Acidente?

— E surdo, homem? Acidente, sim. Em obra sempre tem acidente. Fogo, por exemplo...

Os dois garotos não conseguiam acreditar no que tinham acabado de ouvir. Geraldino raciocinou rápido:

— Vamos avisar o Rubão! Temos que segurar o pessoal aqui!

O pior é que, enquanto eles escutavam a conversa do diretor, todos os manifestantes já tinham partido. Sobraram só Roberto, Dinorá, o irmão de Geraldino, Rubão e os cinco da turma.

O arqueólogo ficou revoltado quando soube da história do "acidente":

— Esse cara é um monstro!

— E agora, Rubão? — perguntou Carlos, nervoso.

O gorducho ruivo pensou um pouco.

— Roberto, você pode ficar aqui comigo e a turma? Vamos passar a noite em vigília, para defender a árvore.

Roberto concordou, mas Dinorá ficou preocupada:

— Esses caras podem fazer alguma coisa contra vocês...

— Acho que não vão tentar nada. Mesmo assim, Dinorá, telefone e avise meu advogado. Ele sabe o que fazer — orientou Rubão.

— Tudo bem. Falarei com o advogado, avisarei as mães da Sandra e da Janete e

mais tarde pedirei pro Célio trazer comida e água pra vocês.

21. A dança mágica dos pajés

Roberto, Rubão e os cinco companheiros decidiram ficar sentados embaixo do pé de garapuvu. Durante todo o dia ficaram suportando gozações dos seguranças. Eles rondavam por ali, com as armas bem à mostra, e riam:

— São uns trouxas! Ficar velando uma árvore velha dessa...

— Devem ser comunistas.

— Não é comunista que se fala. O doutor disse que eles são verdo... verdo... o que mesmo?

— Verdolengos.

— Verdolengos! Há! Há! Há!

Antes do anoitecer, o irmão de Ger-aldino chegou trazendo sanduíches, biscoitos e água.

— Dona Dinorá já falou com o advogado. Tá tudo certo — informou o rapaz. — Amanhã cedo volto pra buscar vocês.

Quando a noite chegou, os sete se alimentaram e se prepararam para dormir.

— Será que o Abaetê ainda está morando aqui? — cochichou Paulo para Carlos.

— Acho que sim. Ele não ia nos abandonar bem agora.

Já era alta madrugada quando Ger-aldino despertou com a impressão de estar ouvindo um som familiar. Acordou Carlos:

— Tá escutando? — perguntou, num sussurro. — É o tambor...

O resto da Bernunça acordou na mesma hora. Roberto e Rubão continuaram dormindo. O engraçado era que o tambor tocava alto e os dois adultos nem se mexiam.

— Será que ninguém está ouvindo? — indagou Sandra, preocupada com os seguranças.

De repente, o enorme garapuvu se iluminou. E aquela figura bem conhecida foi saindo da árvore.

— Nossa! — exclamou Paulo. — Será que o Abaetê vai aparecer na frente de todo mundo?

Num minuto, o velho índio estava perto deles.

— Salve!

— Fale baixo, Abaetê... — pediu Paulo.

— Assim você vai acordar o pessoal todo...

O índio sorriu:

— Ninguém ver Abaetê, só curumim ver...

— Ainda bem, porque o senhor anda aprontando cada uma... — disse Sandra, lembrando do sumiço dos materiais de construção, da disenteria dos operários, do afundamento do barco, dos acidentes com os peões.

— Abaetê não gostar fazer isso. Mas homem difícil aprender, homem fazer errado e continuar fazendo.

A turma balançou a cabeça, concordando com o velho sábio.

Ele, então, solicitou aos amigos que prestassem muita atenção porque naquela noite assistiriam a algo que nunca mais iriam esquecer.

— Agora curumim não falar — pediu ele. — Só olhar e escutar: primeiro Abaetê dar coisa pra curumim pequeno, que ele pedir, depois Abaetê fazer outra mágica grande...

— Coisa pra mim?! — espantou-se Paulo.

— Coisa pra pequeno e também pros outros curumim — concordou Abaetê, doce.

Naquele instante, tudo começou!

Abaetê ergueu a mão direita e, como num passe de mágica, um feixe de luz azul, brilhante, subiu da mão do índio em direção ao céu.

— Nossa! — espantou-se Geraldino.

De repente, o feixe cintilante começou a mudar.

— Olhem! — apontou Paulo.

Como se Abaetê fosse um artista es-telar, a luz azul de sua mão foi tomando a forma de uma flecha. Uma enorme flecha resplandecente, que soltava pequenas gotas prateadas, igual aos fogos de artifício.

— Uma flecha... a flecha que você pe-diu, Paulo... — murmurou Carlos, emocionado.

— Minha flecha... — balbuciou o pequeno.

— Vejam! — apontou Janete. — Tem mais!

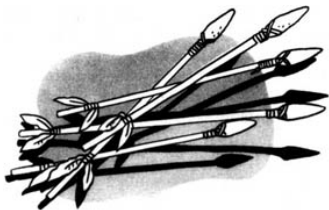
Ao lado da flecha azul estava se constituindo uma outra.

— Uma flecha vermelha! — exclamou Sandra.

Ao lado da azul e da vermelha, foram surgindo outras, de cores diferentes.

— Cinco flechas! — apontou Geraldino.

— Uma para cada um! — gritou Janete, maravilhada.



Naquele momento, Abaetê fez um gesto e as flechas sumiram. Ao mesmo

tempo, o tambor, que antes era um só, transformou-se em dezenas, centenas. O som era ensurdecedor. Dava a impressão que havia tambores tocando em todos os lados da floresta.

Repentinamente, uma árvore acendeu-se. Depois outra e outra. Em questão de segundos, todas as árvores se iluminaram. Era um espetáculo de luz, como se alguém tivesse colocado neon em toda a mata.

Um momento depois, uma nova visão deslumbrante. De dentro de cada uma das árvores foram saindo índios. Índios de todas as tribos do Brasil. Das nações vivas e das nações exterminadas. Pajés guaranis, ianomâmis, bacairis, caiapós, caingangues, creniques, bororós, terenas, parecis, nhambiquaras, xavantes, pataxós, xoclengues, carajás, ticunas e outros. Muitos outros.

Agora os garotos viam que Abaetê tinha razão. Nunca mais iam esquecer aquilo!

Os tambores continuavam tocando forte. E os pajés foram formando um enorme cerco. Os índios envolviam a clareira, o garapuvu mágico, a cabaninha de folhas de bananeira e até o galpão onde os empregados da empreiteira dormiam.



De repente, a um sinal de Abaetê, surgiram tochas flamejantes nas mãos dos pajés. E, a um outro sinal, uma fantástica dança começou. O ritual continuou durante horas.

Num certo momento, dois peões saíram do galpão e os garotos se apavoraram:

— Meu Deus! — gemeu Janete.

— Acabou o baile! Vão meter bala nos pajés! — previu Paulo, catastrófico.

Mas o incrível aconteceu. Os homens, que tinham saído para urinar, não viram absolutamente nada. Os índios estavam ali, dançando, e os dois nem se deram conta. Até passaram no meio do cerco... e nada! Voltaram tranqüilos para dentro do galpão.

Os pajés foram embora com o nascer do sol. Lentamente, foram entrando nas árvores, os tambores foram cessando de tocar, os passarinhos começaram a cantar e a mata foi voltando ao que era antes.

Os garotos ficaram ali, quietos e atordoados, sem conseguir nem pensar. Roberto e Rubão despertaram.

— Dormiram bem?

Ninguém respondeu.

— O que houve? Vocês estão com uma cara... — estranhou Rubão.

— Nada... — despistou Carlos.

— O que vamos fazer agora, Rubão? — quis saber Roberto. — A gente não pode ficar de plantão pra sempre... — brincou.

O arqueólogo sugeriu que fizessem um rodízio.

— Hoje eu fico aqui, ainda tem comida e água. Amanhã vem você, Roberto. Acho que podemos arrumar umas oito ou dez pessoas pra se revezarem com a gente na vigília.

— Também quero ficar — reclamou Paulo.

— Nada disso, mocinho, esqueceu que as aulas começam hoje? — perguntou o pai.

— Tínhamos esquecido da escola! — reconheceu Carlos.

Naquele momento, escutaram o motor de um barco. Roberto se colocou em pé:

— Vamos indo, gurizada!

22. Um inferno!

A Turma da Bernunça, ao chegar na Praia das Ostras, só teve tempo de tomar um banho e correr para o primeiro dia de aula. Mais tarde foi que tudo aconteceu!

Os cinco companheiros voltavam para casa, na hora do almoço, quando foram surpreendidos por gritos, pessoas correndo de um lado para outro, um caminhão do Corpo de Bombeiros passando a toda velocidade.

Moradores, assustados, apontavam o dedo em direção à Luna.

— A ilha está pegando fogo! — berrava uma senhora idosa.

— Valha-me minha Nossa Senhora! Olha a fumaceira! — gritava outra mulher.

A Turma da Bernunça disparou para a praia.

— Deus! O Rubão está na ilha! — disse Carlos, em pânico.

— A árvore luminosa! — lembrou Sandra.

— O Abaetê! — emendou Paulo.

A praia estava entupida de gente. A imprensa já tinha chegado. Os bombeiros arrumavam seus equipamentos dentro de uma lancha, mas temiam chegar tarde demais.

Durante mais de uma hora ninguém teve notícias. Só se via a fumaça. Na praia, a turma de Carlos achava que aquela angústia não ia acabar mais. Até que, ao longe, enxergaram um ponto escuro.

— Um barco! — identificou Geraldino.

Quando a embarcação aproximou-se, a turma teve a impressão de ter visto um gorducho de barba e óculos entre os passageiros.

— Rubão! Rubão! — chamaram, levantando os braços.

E era realmente o arqueólogo. Estava imundo, molhado e sujo de fuligem. Ele saiu da canoa carregando alguém no colo. Era o mestre-de-obras. O homem estava com o rosto, as mãos e os braços queimados e gemia. Vários seguranças também estavam feridos e foram socorridos por moradores e enfermeiros que haviam chegado numa ambulância.

A turma correu para Rubão e o abraçou.

— Você se machucou?

— Acho que estou legal — respondeu, meio hesitante.



Depois abraçou de novo os garotos, tremendo.

— Foi um inferno..., um inferno...

Dinorá, que tinha ido fazer compras no centro de Florianópolis e não sabia de nada, chegou naquele instante, esbaforida. Levaram o arqueólogo para o morro. Depois de um calmante chá de camomila e um bom banho, Rubão relaxou um pouco:

— Foi um pesadelo.. , parecia que o fogo surgia de dentro da terra... Contou que tudo começara por volta das onze horas da manhã. Disse que tinha se afastado do pé de garapuvu para lavar o rosto no mar e quando retomou viu o mestre-de-obras agachado perto da árvore.

— Gritei pra ele: "Ei, cara, sai daí!". De repente, surgiu um fogo espantoso no garapuvu... O mestre-de-obras nem teve tempo de se proteger. Corri para ajudar, mas o sujeito já estava todo queimado. Os peões jogavam água na árvore, mas fogo não apagava..., bateram com galhos e nada! O

fogo não baixava, parecia que aquilo vinha de dentro da árvore...

A turma, que ouvia o relato, parecia estar em choque.

— O pior veio depois... — prosseguiu o arqueólogo. — O incêndio alastrou-se pela clareira e chegou até o galpão. Foi tão rápido, nunca vi coisa igual. O fogo saía da árvore e parecia que estava seguindo um rastro de gasolina. O fogo fez uma roda... um cerco... Foi um inferno! Verdadeiro inferno!

— A árvore..., árvore luminosa queimou? — balbudou Paulo, num fio de voz.

— Sinto muito... — confirmou Rubão, abraçando forte o caçula.

Paulo, Janete e Sandra começaram a chorar. Carlos e Geraldino tentaram

agüentar firme, mas logo saíram para a varanda para ninguém ver suas lágrimas.

— Coitados... — disse Rubão, baixinho.

— Eles adoravam aquele garapuvu — murmurou Dinorá.

O arqueólogo resolveu conversar com os garotos. A turma estava na varanda, com os olhos vermelhos e inchados. Paulo ainda soluçava:

— O Abaetê disse que ia salvar a ilha... Ele disse! Ontem ele trouxe os amigos pajés...

Janete contou a Rubão tudo o que tinha acontecido na noite passada, as flechas brilhantes, os tambores, a dança dos pajés... No fim, voltou a chorar também. Vendo aquele desespero, Rubão teve uma idéia:

— Acho que vocês não entenderam o plano do Abaetê...

— Como assim? — indagou Paulo, enxugando o rosto com a barra da camiseta.

— O Abaetê e os outros fizeram a pajelança justo naqueles lugares onde pegou fogo, não foi?

— Foi... — concordou Geraldino, pensativo.

— Então eles queriam que isso acontecesse — garantiu Rubão. — Esse incêndio vai ajudar nossa luta, vocês vão ver!

— Luta? Torrou tudo... — gemeu Sandra.

— Não, senhora — contestou o arqueólogo. — A mata está inteirinha, só

queimou o garapuvu. O estrago foi nas coisas da empreiteira. Eles, sim, perderam tudo...

— Então você acha que o Abaetê deixou o mestre-de-obras botar fogo na árvore luminosa de propósito? — questionou Carlos.

— Acho, amigão.

— Só se estiver caduco! — protestou Paulo.

Rubão deu uma gargalhada:

— Ele é velho, mas não está caduco, não. Esqueceram que o Abaetê foi o pajé mais sábio dos cariós? Acham que ia fazer besteira?

O grupo ficou encarando o arqueólogo e pensando. Até que Carlos rompeu o silêncio:

— É isso mesmo, o Rubão está certo!

Geraldino se animou:

— Vamos lá amanhã?

A turma combinou de ir à Ilha da Luna na tarde seguinte.

Enquanto isso, naquele dia, todos os canais de televisão mostravam cenas do incêndio. Nas ruas, pessoas entrevistadas culpavam a Vivamar e a Ricassa pela tragédia.

As autoridades anunciavam que "sérias medidas" seriam tomadas.

No outro dia, ao ir para a escola, o grupo de amigos notou que algo mudara no comportamento dos moradores da Praia das Ostras. Já não havia gente favorável ao hotel como antes.

— Passei nas vendas agorinha e não se fala de outra coisa — contou seu Macário. — Ninguém quer mais saber desse tal de hotel.

Um rapaz que havia sido peão da obra também parou a turma na rua:

— Não volto mais a trabalhar naquela droga! Nem eu, nem ninguém aqui da Praia. Se quiserem, que vão buscar operário de fora!

Depois que o moço se afastou, Carlos sorriu:

— O Rubão estava certo. Agora já temos mais apoio.

— Graças ao Abaetê! — lembrou Sandra.

— Eta, velhinho! — vibrou Paulo.

Na escola, as horas voaram naquela manhã. Entre os colegas e os professores o assunto também era o incêndio.

Na hora do almoço, o caso ainda era tema dos noticiários. As autoridades garantiam que naquele mesmo dia haveria novidades.

A Bernunça embarcou rumo à ilha no começo da tarde. Embora estivessem preparados para o cenário que iam encontrar, não conseguiram evitar o espanto ao observarem o canteiro de obras da empreiteira:

— Não sobrou nada...

Mas seus corações só ficaram apertados mesmo quando chegaram na clareira. A cabaninha dos garotos tinha queimado. E a linda árvore luminosa, o gigantesco garapuvu mágico, tinha se transformado num toco coberto de cinzas.

— Ah, não... — choramingou Paulo.

— Que coisa horrível... — sussurrou Sandra, parecendo também que não ia segurar o choro.

— Gente, por favor, não vamos ficar tristes desse jeito — pediu Geraldino. Lembrem o que o Rubão falou?

Carlos, que também estava deprimido, sugeriu que fossem embora:

— Não adianta a gente ficar aqui olhando isso...

Naquele instante, porém, ouviram um som conhecido.

— O tambor...

Segundos depois, um vulto saía do meio do bosque.

— O Abaetê!

O velho pajé sorriu:

— Salve!



23. O prêmio verdadeiro

A Turma da Bernunça não conseguia acreditar que seu velho amigo índio estava ali na clareira. Não acreditavam que, apesar do incêndio, aquela doce figura mágica estava parada à sua frente naquele momento.

Boquiabertos, ficaram uns instantes em silêncio.

Mas Paulo, para variar, não deu tempo para que ninguém pensasse:

— Por que o senhor deixou a árvore luminosa pegar fogo? Ficou sem casa. Agora vai ter que morar debaixo da ponte, viu?

Paulo parecia uma mãe ralhando com um filho pequeno. O índio sorriu:

— Abaetê ter casa, Abaetê morar coração de curumim...

— No coração? No meu, acho que não cabe, sabe? É muito pequeno... — disse o caçula, tristonho.

— Não quer que a gente plante outro garapuvu pro senhor morar? — perguntou Geraldino.

— Curumim fazer outra casa. Fazer casa pra curumim!

— Essa não entendi... — confessou Sandra.

— Falar com amigo gordo... Casa de curumim ser presente Abaetê prometer. Curumim lembrar?

— Lembro... — respondeu Carlos. — O senhor disse que ia nos dar um presente bem grande.

— Não sei por que vocês ficam falando de garapuvu, de casa, essas coisas. Os caras do hotel não vão deixar mais a gente nem pisar aqui... — previu Janete.

Abaetê não comentou nada, só sorriu.

A seguir, anunciou que precisava partir:

— Agora Abaetê ir pra mundo, longe, muito serviço...

— Não vá embora! — implorou Paulo. — Preciso fazer uma coisa...

De cabeça baixa, o caçula aproximou-se do velho índio e lhe entregou o caquinho de cerâmica, o mesmo que mostrara a Rubão

para convencê-lo a acreditar na história da Luna.

O grande feiticeiro pegou o pedaço de cerâmica e guardou.

— Abaetê já dar perdão pra pequeno curumim.

Em seguida, fez uma saudação e virou-se em direção à floresta.

— Agora precisar ir... — disse o pajé.

— Por favor, fique... — choramingou Sandra.

— Não chorar, curumim — consolou, olhando com carinho para os cinco companheiros. — Abaetê sempre perto. Abaetê agora morar coração curumim, nunca mais sair.

Começou a andar lentamente. Quando estava quase no bosque, voltou-se para a

turma e apontou Paulo com o dedo, rindo muito:

— Curumim não ter coração pequeno, Abaetê caber. Abaetê não precisar morar baixo ponte — riu de novo.

Continuou andando e rindo. Ao desaparecer no meio das árvores ainda se escutava sua gargalhada.

— Ele pirou... — disse Paulo.

— A culpa é sua — zombou Carlos. — Você vive falando asneira pra ele.

Paulo mostrou a língua para o irmão. Carlos riu. Os outros não. Estavam sérios, distantes. Já sofrendo de saudade.

Quando a Turma da Bernunça desembarcou na Praia das Ostras parecia que estava havendo uma festa. Apesar da garoa,

havia uma multidão na pracinha. Moradores, imprensa, carros oficiais. Até o Rubão estava lá.

Dinorá, Roberto e o arqueólogo aproximaram-se dos garotos, animados:

— O prefeito está aí! Quer falar com vocês.

— A gente não quer falar com ninguém — disse Carlos.

Os outros companheiros concordaram com ele. Seu grande amigo fora embora. Não queriam saber de festa, prefeito, nada.

Mas Dinorá insistiu tanto que a turma se aproximou da aglomeração, só para dar uma olhada.

O prefeito estava parado junto a seu carro preto. Pediu que o grupo de Carlos

chegasse mais perto. Em seguida, anunciou que devido "aos trágicos acontecimentos", a prefeitura decidira proibir definitivamente a construção do hotel na Ilha da Luna.

Na mesma hora o astral da Turma da Bernunça mudou.

— Viva! — gritou Paulo.

Sob os aplausos, o prefeito informou também que a Luna seria tombada por seu grande valor histórico e ambiental.

— Tombada daquele outro jeito, né, Carlos? — murmurou Paulo, consultando o irmão.

Carlos respondeu também cochichando:

— É! Tombada do outro jeito...

— Então viva! — berrou Paulo, de novo.

Concluindo, o prefeito disse que a Vivamar e a Ricassa pagaram uma indenização por todos os problemas ocorridos na ilha. Explicou que foi feito um acordo: as duas empresas dariam, imediatamente, uma quantia em dinheiro para o Movimento de Defesa da Luna e, em troca, a prefeitura ofereceria incentivos para a construção do hotel em outro ponto de Florianópolis.

— A quem entrego o cheque? — indagou o prefeito, olhando para Rubão. O arqueólogo apontou Carlos.

— Para ele!

O chefe da Bernunça, tímido, apanhou o cheque.



— Viva! — bradou o caçula, mais uma vez.

Rindo, Geraldino cutucou as meninas:

— Acho bom a gente segurar o Paulo, senão daqui a pouco ele vai fazer aquela dos Mosqueteiros de novo...

Depois que tudo terminou, a Turma da Bernunça cercou Rubão:

— Que história é essa de casa dos curumins, hein?

O arqueólogo arregalou os olhos.

— Como é que vocês descobriram?

— O Abaetê que falou...

— Incrível!

Então o arqueólogo explicou que tão logo descobrira as riquezas da Luna decidira montar um projeto que previa não só a preservação da natureza, mas também a instalação de um pequeno museu com as peças encontradas no lugar.

— Minha idéia era fazer um museu que também servisse de escola para crianças e adolescentes. E o nome que inventei foi justamente Museu-Escola Casa dos Curumins. Uma homenagem a vocês!

O grupo ficou de boca aberta.

— Não contei nada antes porque não queria que vocês ficassem decepcionados, caso o pessoal do hotel ganhasse a parada.

— Casa dos Curumins... — repetiu Sandra, sonhadora.

— Calma, gente, não fiquem fazendo castelo no ar — advertiu Rubão. — A universidade prometeu ajudar, mas não tem dinheiro para implantar o projeto sozinha...

Então Carlos tirou o cheque do bolso e entregou para Rubão:

— Isso serve?

O arqueólogo vibrou.

— Claro! Claro que serve, pessoal!

A quantia não era astronômica, mas ajudaria bastante.

24. Amigo para sempre

Um mês depois começaram as obras da Casa dos Curumins.

Dezenas de operários, moradores da Praia das Ostras, apareciam sempre para ajudar, sem cobrar um centavo. Com esse auxílio, o valor do cheque recebido do prefeito ia esticando.

Em pouco tempo, a Ilha da Luna ganhou uma nova vida.

Estudantes da universidade marcavam trilhas na mata para futuros passeios ecológicos. Biólogos, botânicos e zoólogos faziam a catalogação das espécies. Rubão e outros arqueólogos executavam a paciente

tarrafa de recuperar os restos da aldeia indígena. Outros se dedicavam à pedra gravada.

A turma de Carlos estava sempre presente. Plantaram uma muda de garapuvu no mesmo lugar onde estiveram fincadas as raízes da árvore luminosa, na esperança de que Abaetê aparecesse.

Uma tarde, Rubão viu que eles estavam regando o pequeno pé de garapuvu e se aproximou. Notou que estavam tristes.

— O Abaetê não ia gostar de ver vocês com essa cara.

— Por que ele abandonou a gente, Rubão? — choramingou Paulo.

— Não abandonou, muito pelo contrário! Entregou a Luna pra vocês cuidarem, confia em vocês. Mas agora ele tem muito trabalho para fazer em outros lugares. Vocês

não podem exigir que fique só aqui, não podem ser egoístas.

Os garotos ficaram calados. O arqueólogo percebeu que, desta vez, seu discurso não tinha adiantado nada.

O tempo foi passando e a Casa dos Curumins foi tomando forma.

— Está ficando linda... — vivia repetindo a Bernunça.

Era uma construção pequena, e sua arquitetura imitava uma moradia indígena.

Os cinco garotos não saiam da Luna. Trabalhavam, davam palpites, brincavam. E, claro, não descuidavam do pé de garapuvu.

Rubão também parecia estar "morando" na Ilha da Luna. Cuidava de tudo,

resolvia problemas, pegava firme até na hora de assentar tijolos e misturar a massa.

Com aquela atividade frenética ninguém sentiu o tempo passar. Um belo dia, a turma estava brincando de pirata lá mesmo na praia da Luna quando Rubão se aproximou, esfregando as mãos no calção sujo de cimento.

— Venham, quero mostrar uma coisa...

O arqueólogo levou os companheiros até a Casa dos Curumins.

— Está pronta, gente! Prontinha! — anunciou o gorducho.

— Nossa Casa dos Curumins! — vibrou Carlos.

— Nosso presente grande! — lembrou Geraldino.

— Que tal inaugurar semana que vem?
— propôs Rubão.

Prepararam tudo com muito carinho. Fizeram convites, conseguiram doações de doces, salgadinhos e refrigerantes, arrumaram canoas para transportar os convidados.

Valeu a pena!

No grande dia, apareceram centenas de pessoas. Alunos de várias escolas com seus professores, o pessoal da universidade, moradores da Praia das Ostras, as famílias da Turma da Bernunça.



Até seu Macário, que sempre se recusara a pisar na Luna, estava lá. Olhava tudo e aprovava, balançando a careca:

— Que boniteza... Meu finado avô não ia acreditar... Rubão parecia até meio bobo, de tão alegre. Os cinco garotos também.

Em certos momentos, no entanto, no meio daquela algazarra, sentiam um aperto na garganta. Que saudade do velho pajé...

No fim da tarde, os cinco sentaram-se, meio jururus, na escada da entrada do museu. Não diziam nada, mas todos sabiam o que todos estavam pensando.

— Queria tanto que "ele" estivesse aqui... — acabou confessando Carlos.

— Esqueceu de nós... — lamentou Janete.

— Acho que o avião invisível caiu — disse Paulo.

Carlos passou a mão nos cabelos do caçula. Ia falar alguma coisa, quando Rubão apareceu. Estava acompanhado por uma jovem professora, que parecia muito preocupada.

— Vocês não viram uma garotinha loira de blusa vermelha?

— Uma menininha de uns seis anos — completou Rubão.

Ninguém tinha visto nada. A professora desesperou-se.

— E agora? A Juliana sumiu!

Um garoto aproximou-se da moça:

— Tia, a Juliana foi embora no barco com a outra escola. Aquele moleque de xadrez que viu.

Enquanto a professora corria para falar com o menino de camisa xadrez, Rubão e a turma começaram a limpar o museu.

— Só tirem o lixo mais grosso, amanhã a gente faz o resto.

Quase todos os visitantes já tinham ido embora. A professora, amiga de Rubão, foi a última a partir.

— Pelo jeito, a Juliana foi mesmo no outro barco. Essa menina ainda vai me deixar de cabelo branco — brincou.

O arqueólogo e a Bernunça terminaram a limpeza e já estavam fechando as janelas da Casa dos Curumins quando uma loirinha de blusa vermelha entrou bem tranqüila, assobiando.

— Juliana!? — espantou-se Rubão. — Onde é que você se meteu?

— Fui passear na floresta e daí me perdi, ora! — disse ela, bem sossegada.

— Perdeu-se?!

— Me perdi, mas não fiquei com medo porque veio um tio bem velhinho e me salvou. Falou que era amigo do Paulo, da Sandra... dos outros não lembro o nome...

— Nosso amigo? — perguntou Carlos, quase gritando.

— Que mais que ele disse? Fala, Juliana, por favor! — suplicou Janete.

— Falou que estava alegre, que veio ver a Casa dos Curumins...

Juliana parou para pensar.

— Falou que... ah, lembrei... falou que mora no coração...

— Como era o nome dele?

— Não sei, não perguntei...

— E como ele estava vestido?

— Não sei, não vi direito...

— Falou com ele e não viu? — duvidou Paulo. — Olha, não acredito numa palavra que essa guria tá dizendo...

— Nem eu... — disse Janete.

Rubão alertou que já era tarde e precisavam ir embora.

— Mas, Rubão, temos que entrar na mata... — pediu Sandra.

— Temos que conferir esse papo da Juliana — concordou Geraldino.

— Não dá, pessoal, está ficando escuro. É perigoso voltar de barco à noite! — disse Rubão, firme.

— Olha, gente, o Rubão está certo — afirmou Carlos. — Além disso, ninguém está botando fé nessa história da Juliana.

A professora ainda estava na Praia das Ostras e não acreditou quando viu a menina, toda serelepe, descendo da canoa, junto com Rubão e os garotos.

— Ainda bem que resolvi esperar! — suspirou ela, aliviada.

Rubão despediu-se da turma.

— Não se esqueçam da faxina de amanhã.

O dia seguinte era sábado e, como não havia aula, eles chegaram bem cedo na Ilha. O arqueólogo e os cinco companheiros estavam entretidos no trabalho na Casa dos Curumins, quando entrou um funcionário da universidade, que ficara encarregado de colocar plaquetas identificando a vegetação.

— Rubão! — gritou ele, excitado. — Venha ver que troço mais estranho lá de baixo daquela árvore...

A turma acompanhou Rubão e o homem. Conforme o funcionário andava, o coração dos garotos começou a bater mais forte. Ele estava indo na direção do pé de garapuvu.

— Ali! Vejam! Isso não estava aqui ontem... — apontou o empregado, intrigado.

Sob o garapuvu, que parecia ter crescido de repente, havia algo colocado no chão! Os garotos se aproximaram e então tiveram vontade de chorar de alegria. Em cima de uma folha de bananeira, toda adornada com ramos de flores, estavam o maracá, o bastão de ritmo e o cachimbo de pau!

Bem no centro da "toalha" de bananeira estava talvez a mais carinhosa das

lembranças: os caquinhos de cerâmica que, um dia, tinham depositado nas mãos enrugadas do velho amigo. Um amigo que — agora tinham certeza — jamais se esqueceria deles.

FIM

